

REVISTA DO ENSINO

(ÓRGÃO OFICIAL DA INSPETORIA GERAL DA INSTRUÇÃO)

SUMARIO

DA REDAÇÃO:

	Pag.
Que fazer das situações difíceis?	1

COLABORAÇÃO:

Palestrando com professores — J. Madureira	5
Os anormais na escola primaria — Ramos Cesar	10
Liberdade didática — Ernesto de Mello Brandão	13
Gastronomos, sobrios e jejuadores — Duntalmo Prazeres	14
Quando é que o método sintético falha no ensino de leitura? — Aimoré Dutra	16
A ginástica do trabalho — Manoel Penna	20
Museu pedagógico e cinema educativo — Geraldino de Barros	21
Nível social da escola — Raul de Almeida Costa	23
Educação moral nas escolas — Leonilda Montandon	23
Interpretação da escola ativa — Filocelina C. M. Almeida	29

Pag.

Problema de educação — José Raymundo Netto	38
Tolstoi — precursor da escola nova — Olyntho Pereira da Silva	42
Confrontando e concluindo — João Resende da Costa	44
A dedicação — Ottilio Gonçalves	47
Preparemo-nos para a competição universal — Maximino Ribeiro de Miranda	49
A escola e o progresso — Salvador Pires Pontes	52
O ensino de trabalhos manuais — R. Tavares	58
Instrução primaria em Minas — Luiz Ernesto	60
Planos de aulas — J Emydio	61

TRADUÇÕES:

“O romance da exploração” — Projéto escolar — Hozer M. Baker — Luiz Duca	66
--	----

NOTICIARIO:

As reuniões dos assistentes técnicos do ensino	70
--	----



QUE FAZER DAS SITUAÇÕES DIFICEIS ?

Em certos centros populosos, o mestre é o unico homem de estudos. Em razão de seu officio, presume-se que seja elle o amigo dos livros, o orientador da opinião publica, aquêlê que detém o verdadeiro prestigio, que é o prestigio intellectual. No minimo, cabe a certos professores um papel de grande importancia, por serem, muitas vezes, as unicas pessoas de uma localidade capazes de exercer uma grande e benefica influencia.

Se a sua ação se circunscribe ás quatro paredes de sua sala, pôde-se dizer que não cumpriu três quartas partes de sua grande missão.

*

Se, por varios motivos, o mestre se limita á sua escola, convém então que, pelo menos, seus alunos recebam ali as melhores normas de vida, os mais frizantes exemplos de disciplina e de vontade, por fórma a habilitá-los a resolver os seus problemas, constituindo-se, na sociedade, verdadeiros homens de caráter.

Como compreender que a escola não possa organizar a personalidade da criança, de maneira que, mais tarde, lhe seja possível vencer nas ocasiões difíceis?

Para conseguir o ideal da escola é necessário que o professor seja, também, digno de sua missão: forte na vontade, claro na inteligência, infatigável no trabalho.

“A moralidade, bem como a cultura e a religião — diz Spalding — não se desenvolve, mas se propaga. O homem fervoroso espalha fervor; a inteligência lucida forma inteligências lucidas. O caráter forma caráter.

“O amor da verdade, a sinceridade, o respeito, a obediência, a honestidade, a temperança — todas as virtudes, enfim, que tornam o homem digno e forte — quem as propaga? Só poderão propagá-las aqueles em que essas virtudes sejam forças vivas — e eles sómente”.

O mestre, onde quer que esteja, deve ser o grande transformador dos homens.

Para triunfar, deve o professor armar-se de fé e coragem. As situações, por mais difíceis que pareçam, têm uma solução. Ponto é que, desde os bancos escolares, o aluno se inicie nos problemas da vida, agindo desembaraçadamente diante de qualquer questão, buscando-lhes, com suas próprias mãos, a solução.

O dr. D'Epia, no seu livro “Educação da vontade” divulga algumas regras de fácil aplicação para que o homem possa vencer.

1) “Cuidado com as coisas, na aparência, sem importância. Um detalhe, em que não se prestou atenção, pode constituir um grave obstáculo e uma ótima oportunidade. Só os espíritos superficiais menosprezam as pequenas coisas. Os homens práticos nunca as desprezam. Pelos detalhes se conhecem os grandes homens.

2) Não desprezar os adversários. Não ha inimigo pequeno. Não devemos, também, temê-lo. Examinando-os, veremos que eles têm um ponto

fraco, por onde poderão ser derrotados. Mas, não se deve esquecer que também temos os nossos pontos fracos que é necessário fortificar, para, quando atacados, não sofreremos a derrota.

3) Só os inúteis fracassam definitivamente. Os homens que não sabem aproveitar o fracasso como uma lição proveitosa, que se livrem de cair outra vez. Para os fortes, o fracasso é um estímulo.

4) Quem coloca o seu ideal muito baixo, é possível que o alcance; mas, provavelmente, não passará dali.

5) O nosso ideal deve estar bem alto. E' possível que não o alcancemos. Mas realizaremos grandes coisas uteis para nós e para a humanidade.

6) Má coisa é ter muitas ilusões; pior, porém, é não tê-las. Devemos ter ilusões e trabalhar para transformá-las em realidade. O difícil é triunfar quando não se alimenta nenhuma ilusão".

Muita coisa mais se poderia citar para fortificar a vontade. Em qualquer empreendimento

deve o homem entrar sem pessimismos e desesperanças. Os mais perseverantes antecipam a vitória.

*

Que o mestre, pois, seja, além de uma grande força social, operante e viva, um alegre formador de vontades fortes, para quem a dificuldade será um estímulo, e a derrota, novo motivo de lutas.

COLABORAÇÃO

Palestrando com professores

O fim da assistência técnica que o Governo, com sacrifícios, mantém junto às escolas, não é fiscalizar aulas, dar boas ou más informações dos professores à administração do ensino, pois isto seria inteiramente ineficiente, visto como o Governo, ao longe, não poderia agir, elevar o nível das más escolas, orientá-las e equipará-las às boas. O fim da assistência, como muito bem o define a própria palavra, é orientar e instruir o professorado, reorganizar as escolas, de modo a conseguir em todo o Estado a execução plena da reforma do ensino, que estabeleceu a escola ativa com transformação radical dos métodos e processos de ensino, visando outro fim, colimando outro escopo, muito além do que pretendia a escola tradicional.

A escola tradicional tinha em vista ensinar leitura, escrita, contabilidade, geografia, história, ensinar as matérias dum programa, de modo que o bom professor era aquele que executasse cabalmente o programa, que ensinasse.

A escola nova operou transformação radical: não é ensinar, não é instruir, não é executar programa que não póde ter: o seu fim é educar, educar para instruir depois.

Educar é um problema vasto e mui complexo que consiste em robustecer o corpo, enriquecer o espirito, formar o carater, modelar o coração pela virtude, preparar o homem para a felicidade. Educação física, moral, cívica, social especialmente, e intelectual — eis o que deve constituir a preocupação constante do educador.

EDUCAÇÃO FISICA

Nas nossas escolas, pelo menos no interior do Estado, muito pouco se tem cuidado da educação física: exercicios fisicos empiricamente ministrados, sem que, ás vezes, nem o proprio professor conheça a sua utilidade, inspeção de asseo dos alunos, conselhos, regras ou principios de hygiene, sem habitos, sem applicação pratica, e nada mais.

No entanto a educação física nos deve merecer especial interesse, cuidando o educador, diariamente, da saude dos educandos, visitando-lhes o lar, conhecendo o meio em que vive, aconselhando aos pais, ministrando exercicios fisicos inteligentemente, conseguindo pratica e habitos dos preceitos higienicos, atendendo ás necessidades fisiologicas de cada um, observando-os nos recreios e nos cantos escolares, nas posições livres nas carteiras, no uso e applicação de seus orgãos visuais e auditivos etc.

E' muito velho, mas é verdadeiro o aforismo latino — "Mens sana in corpore sano": ao doente não se pode educar e nem instruir conveniente e proficuamente, porque educar é desenvolver, crescer, florir, agir e produzir; educar é viver, e a escola é que tem de preparar o homem para a vida, no sentido mais lato da palavra.

Não descuremos, pois, da saude dos educandos, da sua educação física, empregando inteligentemente os mil meios, métodos e processos que a ciencia nos fornece em bases solidas.

EDUCAÇÃO MORAL

A moral educativa na formação do carater, na modelação do coração para a virtude, da alma para o bem e para o alto, para felicidade completa — é a parte mais importante, mais cara e a mais bela missão do educador: é missão de apóstolo, de responsabilidades tremendas, mas de sublimidade divina, porque tem as bênçãos de Deus, os beijos e sorrisos duma patria agradecida.

A base, o alicerce profundo e inabalavel da verdadeira educação moral, nós o encontramos hoje na escola nova — é o decalogo, são os Evangelhos. Não basta, está claro, o ensino decorado e inefficiente do catecismo: são necessarias a applicação e execução da lei moral, os habitos, costumes e praticas do bem — a ação e vida dos educando, modeladas, não pelas theorias e ensino, mas pelas virtudes, exemplos e modêlos dos educadores. A educação moral não pode ter programa, dia, lugar e nem hora — é a preocupação constante, carinhosa e ininterrupta do educador em todas as lições, em todos os exercicios, a todas as horas, dentro e fóra da escola. E' pela educação moral que se forma a disciplina dos alunos e daí, ainda, a sua importancia capital para o educador, pois sem disciplina não se educa, não se instrue, como sem ordem não ha progresso.

Mas não é a disciplina tradicional do terror, do medo, da quietude, da imobildade ou do silencio — é a disciplina que eleva, que engrandece, que dá personalidade ao aluno, que dignifica, que forma cidadãos e não escravos.

E' ainda a disciplina do amor, do carinho, da bondade, do coleguismo, da atenção e do interesse dos alunos, da escola interessante e atraente, é a disciplina do recreio entrelaçado com o trabalho, da liberdade conjugada com o respeito, da satisficção simultanea e harmonica com as exigencias do espirito, do coração e do corpo, fazendo da escola um ninho atraente, onde as horas corram velozes, num ambiente de paz, alegria, felicidade e vida real para os educandos — é a disciplina da escola nova.

EDUCAÇÃO CIVICA

A educação cívica na formação do cidadão para a patria e outra parte importantissima do complexo plano educativo da reforma e na qual nunca será demais insistir e encarecer.

Não é ensinando as lições do programa, cantando o hino nacional, cantos patrióticos, descrevendo a bandeira nacional e comemorando datas nacionais; não é com ensino ou instrução que se educa cívicamente o aluno, que se lhe vasa a alma o sentimento nobilissimo do patriotismo. Esta disciplina, estreitamente ligada á moral, participa dos mesmos metodos e processos: é preciso cultivar no educando o amor da patria, crear, despertar no seu espirito e no seu coração o sentimento sublime do civismo, do patriotismo, o que se obtem pelos

mesmos meios com que se consegue o amor de Deus, dos pais e da família, elementos constitutivos da pátria.

Fazer compreender e sentir o que exprime a letra dos hinos patrióticos de accordo com as idades ou conhecimentos dos educandos; compreender e sentir para depois descrever a bandeira nacional; observar os fatos históricos e identificar-se com o heroísmo dos grandes brasileiros; dramatizar fatos empolgantes da história pátria e das datas nacionais; representar, em teatros e auditorios, papeis de sentimentos cívicos apropriados; a assistência de cinemas educativos — são meios de se conseguir a formação cívica e o amor da pátria.

EDUCAÇÃO SOCIAL

Se é fato incontestável que o homem nasceu para viver na sociedade e se a escola tem por fim preparar o homem para a vida, ensinar a viver ou fazer viver, segue-se que a educação social, com que tanto se preocupa a nossa legislação, é a parte mais importante e que mais cuidados merece dos modernos educadores, sob pena da escola falhar, por completo, ao fim a que se destina. Toda educação e instrução devem convergir para este objetivo: educar o homem para a sociedade, pois, até já se diz que educar é socializar o indivíduo.

Na pratica da vida nós constatamos, diariamente, os efeitos da instrução sem socialização, advinda da escola antiga; e eu pergunto: quem vale mais, quem vence e age melhor na vida, os analfabetos educados socialmente nos grandes centros ou os que aprenderam todo o nosso programa escolar, mas que não lêem, não escrevem e por isso mesmo se isolam sem saber e sem poder agir e vencer no meio social? !...

Visando a educação social, o regulamento sabiamente instituiu: auditorios, clubs de leitura, socialização, dramatização, hora de história, correio infantil, jornais escolares, cozinha e merenda escolares, excursões, teatros, festas, liga da bondade, escoteirismo, ensino por meio de jogos, trabalhos manuais, etc. São atividades escolares, meios educativos de que lança mão a nova orientação pedagógica para conseguir do educando viver na escola, agir por si mesmo, ter espontaneidade, trabalhar livremente, produzir alegremente no ambiente proprio de crianças, até que, amanhã, sem se sentir, se transporte o aluno, habilitado, ao novo meio social que se lhe vai dar.

Todas estas instituições, no entanto, para que produzam os almeçados efeitos educativos, devem ser de iniciativa das crianças, cabendo ao educador auxiliar: orientar, dirigir; pois, ao contrario, poderão ser brilhantemente executados, mas sem nenhum resultado compensador.

Se o fim da escola é mais educar que instruir, é razoavel que venhamos falar em ultimo lugar da

EDUCAÇÃO INTELECTUAL

que é mais instrução propriamente dita, ou o ensino das materias do programa, do qual sempre fez questão capital a escola tradicional, tendo como bom professor aquele que ensina o programa, quando, pela escola actual, o bom professor não é o que ensina, mas é o que educa.

Para o ensino eficiente das disciplinas, do programa, pela escola activa, é indispensavel a especialização do professor na metodologia particular do ensino de cada materia; ao contrario, terá de agir o professor no escuro e sem farol, pois que a escola activa, estabelecida em novos moldes, transformou, por completo, os metodos e processos, obrigando, consequentemente, todo professor a se especializar, sob pena de ficar como elemento nullo no magisterio.

A escola activa não é nova, e vem a proposito, terminando, transportar para aqui o que, em 1910, ha 23 anos completos, escrevi eu em termo de visita num grupo escolar do Estado e para o qual, em recente visita, me chamou a atenção a directora do grupo, e que diz: "a.) No ensino primario, principalmente, deve sempre ter em vista o educador que, se é o aluno que precisa de aprender, de se educar, ele é que deve, de preferencia, agir, realizar, os respectivos exercicios, sendo mesmo condição primordial do ensino o esforço pessoal do aprendiz. E' regra elemental da pedagogia applicada que o professor, em suas lições, nunca fale, desde que o aluno possa fazê-lo.

Se o primeiro arguido não se mostrar em condições de satisfazer á pergunta, faça o professor apelo a outros, de modo que, pela lição, tome interesse toda a classe; ao contrario, se o professor se apressa em responder, pelos alunos, corre o risco de matar-lhes a iniciativa, desinteressando-os dum trabalho de que devem ser elles os organizadores ou, pelo menos, os principios colaboradores; deixe que o aluno fale, e o professor que o vá encaminhando, orientando, despertando as iniciativas e espontaneidades."

São esses mesmos princípios que eu propagava, ha 23 anos, que ora por devêr ainda, e com mais convicção e ardôr, venho de reiteirar, visto como constituem tais princípios parte integrante da escola ativa, hoje em pleno vigor em todos os países cultos e, em boa hora, adotada, obrigatoriamente e já com verdadeiro exito, em nossa querida Minas Gerais.

23 — 6 — 99.

J. MADUREIRA.

Os Anormais na Escola Primaria

Quando na escola se põe em equação o problema dos anormais e o seu aproveitamento como objeto de uma pedagogia especial, ao espirito leigo vem logo a idéa do trato com indivíduos concretamente, fisicamente estigmatizados por alterações morfológicas ou anomalias das funções psíquicas, exteriorizadas em bizarras de comportamento. Isto é, surge sempre a idéa de aleijões.

E' uma suposição precipitada. Nem sempre o anormal revela aos primeiros contatos os seus coeficientes deficientes. Mais frequentemente do que se supõe, o anormal apresenta-se á investigação como um tipo euritmico. Desnorteia; põe indeciso o preceptor; faz-se-lhe uma idéa fixa, desespera.

E, não raro, atravessa o ciclo escolar como uma esfinge, como um excreto, como um residuo das funções educativas.

Isso acontece principalmente quando, de mistura com uma maioria de tipos normais, no conjunto funcional, ele enquista-se na sua diatase, desatendido do professor desaparelhado de conhecimentos psicologicos. E, após um noticiado de estalonagem difficil, porque ora decorre remansado e desinteressante, como a superficie de um poço, ora sacudido por façanhas bulhentas, o anormal é despejado no curso da vida social, qual flóco de espuma calcificada e torna-se, quando não uma cedula degenerada, secretora de toxinas — um peso morto.

Quanta vez o professor se abisma em perplexidade e cilia-se interiormente com uma ronda interminavel de interrogações!

— "Porque é o meu aluno refratario ao ensino?"
 "Porque é um rebelde á abnegação e á afetividade, que erigi em sistema educativo?" "Porque é um recalcitrante á cor-

dialidade coletiva?" "Porque é um desobediente? um selvagem? um transgressor inveterado da disciplina e da hygiene?"... Vejo-lhe a compleição verter saude por toda a periferia; conheço seus pais, pessoas integras, que não indiciam a histologia de uma tãra! Decididamente, este menino é o meu tormento..."

O professor que assim se questiona, quasi sempre se contenta com a superficialidade dos fatos. Não aprofunda episodios; nunca lhe ocorre fazer uma pesquisa minuciosa e metódica no meio onde o aluno iniciou a sua adaptação, visando positivar as influencias que presidiram as primeiras reações.

O meio, principalmente o "meio familiar", onde imprimam fatores de raça, habitos e costumes, é matriz de anormais, e matriz que imprime cunhos indeleveis.

No processo educativo, assinala-se uma seriação de adaptações, dos primeiros reflexos da vida extra-uterina, ás reações complexas da fase de plena função do sistema psíquico, integrado pela co-participação de todos os centros de atividade, formando um ciclo perfeitamente distinto na evolução do individuo como célula social.

Os primeiros fenomenos começam no lar. E a pedagogia não faz abstração dos accidentes que lhe balisam o curso. Ao contrario, attribue-lhe excepcional importancia, causalidade incontestavel, repercutindo duração e fóra da fase escolar, e prestando-se á orientação das relações entre educador e educando.

O lar pôde ser um fértil produtor de "deformados", como classificou Decroly certos typos especiaes de inadaptações, especie de anormais de diagnose obscura e cujas falhas escapam, ás vezes, ao observador mais experimentado.

Na escola de pouco tempo atrás, consideravam-se anormais os portadores de disturbios que exigiam imprescindivelmente a colaboração direta e permanente do medico no plano das atividades de que eram objeto e no traçado das finalidades escolares, ainda mesmo do ponto de vista economico. Isto é, os congenitamente condenados ou incidentalmente leçados por influencias morbidas. E, assim, surgia a necessidade de uma "pedagogia patologica", original nos metodos e distinta no conjunto da organização educativa, com programas escolhidos e, não raro, praticada, por coerencia técnica, em um meio para esse fim devidamente aparelhado: colonias, sanatorios, albergues, institutos especializados, — quasi sempre de manutenção dispendiosa. Tinham mais o carater de centros de isolamento e de observação, destinados a captar

os egressos de normalidade social, e nelles se fazia obra mais de terapeutica do que, propriamente, de Pedagogia.

Esta ciencia, com a orientação moderna, ampliou a classificação, considerando anormal, para o efeito do preparo do individuo, que as necessidades da vida vertiginosa dos nossos dias impõem seja rapido e completo, todo escolar que, por qualquer motivo, se coloca em inferioridade e não acompanha o nivel coletivo de desenvolvimento do ensino, razão porque as classes uniformes se vão tornando um imperativo cada vez mais premente.

A Pedagogia moderna tomou este rumo curioso; a medida que as responsabilidades do professor augmentam e se emaranham, a perfeição e a produtividade do ensino fazem mais imperiosa a necessidade da redução das classes. Surge, consequentemente, o principio pedagogico: classe homogenea e pouco numerosa.

Seguiu-se a esse principio maior amplitude na classificação dos inaproveitaveis, e passaram, assim, a exigir: 1.º os anormais por *deficit* somatico puramente, ou atingidos na complexidade das trocas fisiologicas; 2.º os anormais por *deficit* intelectual (idiotas, imbecis, os mais ou menos retardados, sem as características claras destas táras); 3.º os anormais por *deficit* sensorial (cegos, surdos-mudos, mudos, gagos etc.), portadores de disfunções subtis dos órgãos dos sentidos; 4.º os anormais por *deficit* afetivo (os neuro-idiosincrasicos e neuro-aritmicos); 5.º os anormais por lesões nervosas francas; 6.º os deformados pelo meio.

As cinco primeiras distribuições são communs a todos os tratadistas do assunto. A ultima foi introduzida no agrupamento por Decroly e abrange uma variedade infinita de tipos "dissimulados", cujo retardamento só se revela quando transferidos para o ambiente escolar, por o mimetismo proprio do meio em que nasceram lhes apaga os sinais individuais.

Por muito tempo, indiferentemente, sem maiores preocupações analiticas, a Pedagogia fazia-os passar por *mentalmente anormais*. A colaboração do medico na obra do ensino veiu mostrar que a classificação pecava por pretenciosa e empirica; era um preconceito e, como todo preconceito, expunha ao acrescimo do insuccesso, visto que ha os que, na realidade, são *mentalmente* deficitarios e os portadores de anormalias fisicas, ás vezes, de extranha vivacidade mental.

E chegou-se á conclusão de que, se é possível o convívio, na mesma comunidade escolar, do raquitico e do simples retardado intelectual, ou do impulsivo, quando as condições

economicas não permitem rigor na seleção de classes, exigindo apenas a co-educação que a assistência do professor se exerça com mais devotamento e maior provisionamento científico, a reunião do epilético e do pré-tuberculoso, além de inadmissivel incuria profilatica, viria a ser um perigoso foco de perturbação da vida coletiva e de ameaça á saúde.

O melhor meio de distinguir os diversos tipos de anormais é a introdução, nas escolas, da ficha medica, sob a vigilancia de profissional especializado. O auxilio medico proporcionará ao professor os elementos necessarios para esmondar a sua classe, enviando aos estabelecimentos a que já nos referimos, ou entregando aos órgãos de defesa coletiva, os que lhe embaraçam a ação, assim tambem os conhecimentos indispensaveis ao diagnostico dos *mentalmente anormais*, na maioria, aproveitaveis.

Esse instrumento de observação o habilitará a concluir que o aluno preguiçoso, desleixado, desobediente é, comumente, produto do "meior familiar", — um "deformado". Vem do lar com os estigmas abertos de um regimen irregular e improprio á formação da personalidade, — regimen ora dispersivamente concedente, froixo, enlanguescente, ora pontuado de severidades exageradas e provocadoras do estado natural de revolta em que caem os oprimidos.

RAMOS CESAR.

Liberdade Didatica

A pedagogia é uma arte e, nas artes, a feição e a habilidade do artista formam a sua personalidade.

O pintor, desde que obedeça a certas regras de perspectiva, faz a sua obra de acôrdo com seu temperamento, sua expressão propria; o escritor, desde que respeite a gramatica, escreve com seu estilo, sua imaginação; o professor, desde que respeite as leis psicologicas, ensina conforme seus proprios metodos.

Porém, o pintor não pôde desconhecer a perspectiva, nem o escritor a gramatica, nem o professor a psicologia, se quiserem ter exito nas suas respetivas profissões.

Assim, obediente ás leis psicologicas, o professor tem liberdade didatica, e é justamente esta que forma sua personalidade, revela seu talento e sua habilidade profissional.

Exercer o mestre a sua profissão sem conhecer a psicologia educacional, é o mesmo que ser pintor sem perspectiva, ou escritor sem gramática.

A administração não restringe a liberdade didática aos seus professores, mas pede que o seu trabalho se faça, orientado pelas leis psicológicas, para ser eficiente e produtivo.

Os mestres não podem desprezar o estudo da psicologia, que lhes ensina como a criança adquire conhecimentos e ainda lhe traça as diretrizes na execução eficiente de sua bela e nobre profissão.

Os professores que se limitam aos seus conhecimentos atuais, sem acompanhar a evolução da técnica do ensino, se tornarão elementos entediados e atrasados na sua atividade, tal qual se dá, aliás, com os homens de todas as outras profissões.

ERNESTO DE MELLO BRANDÃO.

Gastronomos, sóbrios e jejuadores

Ha nos quadros do ensino, alguns milhares de professores. Nesses quadros, como na "vinha do Senhor", ha de tudo. Ha os que têm uma verdadeira ansia de ler, de *devorar* livros: são os "gastronomos" da nossa pedagogia. Ha os que lêem diariamente umas poucas paginas de um bom tratadista, procuram bem entendê-las, bem interpretá-las, e, depois, na sua escola, bem aplicar as idéas, os ensinamentos que ali beberam. Esses, que infelizmente formam um pequeno grupo, são os "sóbrios", os individuos que se alimentam normalmente.

Ha, finalmente, os que não lêem. São os "jejuadores". Constituem um verdadeiro exercicio. Não têm livros nem lhes conhecem a utilidade. De letra de forma preferem, quando muito, os dramas de amor, os romances policiaes ou a secção esportiva dos jornais . . .

Os primeiros correm o risco de não assimilar bem tudo aquilo que lêem. Nós temos o alimento do corpo e o do espirito, e, assim como não damos áquele excessiva carga de alimento, não a devemos dar tambem a este. O aparelho digestivo não digere bem as sobrecargas com que os gastronomos pensam obsequiar o estomago. Não raro esses infelizes morrem de intoxicação alimentar.

Os gastronomos da pedagogia, igualmente, não digerem, não assimilam, não apreendem bem o pensamento do

autor, a sua doutrina, se dão ao espirito um manual em cada vinte e quatro horas. Não entra toda aquela massa, na economia organica. Vem logo a intoxicação pedagogica, de graves consequencias. Vem a confusão das idéas tão naturalmente como veiu em Babel a confusão das linguas, e o resultado é simplesmente este: acaba não se entendendo a si mesmo e não applicando, por isso, nenhuma daquelas idéas que bebeu.

Vem depois o pequeno grupo dos que lêem pouco e com método, dos que sabem ler e entender. Estes têm uma digestão mental excelente. E não é só. Apresentam á sua classe, cada dia, um problema novo, uma idéa nova. Cada dia empregam um método novo. Os seus cenarios variam sempre, e os seus personagens mudam de atitude, conforme as exigencias da peça. Sabem *o que ensinar e como ensinar*. Variam o espetáculo. Cada dia põem uma coisa nova no seu cartaz.

Temos, finalmente, aqueles que nada põem de novo no espirito e que, por isso mesmo, nada de novo põem nos seus modos de ensinar. Quem assiste a uma de suas aulas assiste a todas. No primeiro dia de aula ou no ultimo, no seu primeiro ano de atividade no magisterio ou no vigésimo, é sempre a mesma coisa: aulas monótonas, vazias de pensamentos e de ensinamentos e cheias de palavras que nenhuma significação têm para o espirito de seus alunos sedentos de saber.

São os "jejuadores".

Os primeiros não fazem trabalho eficiente porque trazem ao mesmo tempo muitas e variadas idéas, mal assimiladas e ás vezes em conflito.

Os outros, os sóbrios, estão fazendo obra notavel e digna dos maiores aplausos.

Apresentam-se, por ultimo, os "jejuadores". São dignos da nossa admiração porque é incrível que haja, no momento pedagogico que vivemos, professores que se conservem surdos ao brado de reunir lançado com a nossa ultima reforma do ensino. São mais resistentes que os outros porque se conservam *fora de forma*, não obstante as vozes de comando dos supremos diretores do ensino e insistentes convites dos seus auxiliares. São mais corajosos porque têm o arrojo de, com o seu "jejum", o seu fastio de espirito, pretender dar aos alunos que se lhes confiaram aquilo que lhes falta: o pão do espirito.

Os "gastronomos" morrerão cedo, vítimas de uma intoxicação pedagogica. Nada deixarão feito.

Os sóbrios passarão, entretanto, á immortalidade, perpetuados na estima, admiração e respeito dos seus alunos. Deixarão o seu nome vinculado á grandiosa obra de educação da massa popular.

Os jejuadores são cadáveres que transitam pelas nossas escolas. São o desespero, o espantinho dos alunos. Conquistam o pão em troca do "jejum" que impõem a esses infelizes. Poderão voltar á vida lendo um ou dois manuais de pedagogia e applicando inteligentemente as idéas que dali recolherem. Do contrario, muito cedo irão para a vala comum do esquecimento e do desprezo que a sociedade lhes voltará.

DUNTALMO PRAZERES

Quando é que o metodo sintético falha no ensino de leitura?

AIMORE DUTRA

Eis aqui uma interrogação que os pessimistas e os espiritos infensos ás innovações respondem, dando ao adverbio uma inédita entonação de triunfo: — *Sempre*. Em parte, essa gente tem razão. O derrotismo é uma cousa que está no subconciente de todo o mundo. Para se construir é preciso fé. E, como a fé não passa, em muitos casos, de renuncia e anulação de individualidade, o instinto de conservação reluta ante as ameaças de aniquilamento. Nega, a principio; duvida, mais tarde; critica em seguida e termina accedendo. Esse é o seu comportamento em face dos fenómenos verdadeiros e insólitos.

Para as pessoas desprevenidas respeito ás cousas de psicologia e, principalmente, de psicologia educacional, ensinar a lêr sem primeiro ensinar a conhecer as letras do alfabeto é construir sem alicerce.

Um grande numero de fátos e de exemplos parece confirmar, realmente, a opinião corrente de que os mestres de hoje não sabem ensinar.

Ha crianças vivas, inteligentes e assíduas á escola e que, entretanto, ficam, ás vezes, um ano, dois, três e até mais, no primeiro ano, sem aprender a lêr.

E o mais interessante é que essas crianças muitas vezes, sabem o primeiro livro de cór, copiam, direitinho, as

frases do quadro negro e assinam, até com alguma elegancia, o proprio nome.

E' mudar-lhes o livro ou exercicio e lá se vai todo o nariz de cêra.

Eu tenho observado isso em muitos estabelecimentos de ensino, mesmo entre alunos repetentes.

Muitas vezes é a propria professora que vem a mim, nervosa e desanimada, implorando um milagre, para aquelas cabecinhas de cimento armado, — um estalo como o que rompeu as trévas da cachola do padre Vieira: — "Não vai, senhor assistente, não vai mesmo . . . a gente fica doida de ensinar e quando pensa que todos podem mudar de lição, é aquele desengano. Eles só conhecem o *dedo de dôvo* ou o *papo da ave* no quadro ou no livro. Noutro logar não distinguem nada.

Isso sem *abc* e *b — a — ba* é impossível".

E tocam a ensinar *abc* e *b — a — ba*.

Os páis aplaudem e animam a professora com elogios diréto e indiréto: — Aquela é das minhas . . . não segue essas bobagens que andam por aí . . . eu aprendi foi aí no duro . . . *abc*, *b-a-ba*, vara de marmelo e bôlo . . . Onde se viu algum aprender a lêr sem conhecer as letras?

Incontestavelmente o método analítico oferece, á primeira vista, certas vantagens. Uma delas — e que constitui o estribilho predileto dos observadores superficiais — é a segurança da aprendizagem.

Quem sabe juntar as letras e soletrar, sabe lêr.

Antigamente, todo o mundo aprendia assim e aprendia de fáto.

O que de positivo ha sobre isso, entretanto, é que os páis e mesmo os mestres, se esquecem do fator tempo e escolaridade do aluno. Julgam por alto.

Fulano aprendeu em seis meses, soletrando, enquanto Beltrano, com dois anos de escola, não conhece uma letra — dizem.

Mas Beltrano, muitas vezes, em dois anos de aula, não tem cinco meses de frequencia escolar.

Por outro lado, se Fulano aprendeu em seis meses, soletrando, é que Fulano tem o conjunto completo de aptidões necessarias para aprender. Aprenderia, pelo método sintético, em muito menos tempo.

A realidade é que vai em tudo isso uma balburdia pavorosa, uma assustadora anarquia de sistemas, em que não ha conexão dos processos com os métodos porque não ha

cuidado de seleção de observações ou não ha mesmo observação nenhuma.

—o—

Quem vai ensinar a lêr, vai colocar-se, evidentemente, em face do problema, a nosso vêr, mais importante da psicologia educacional.

A criança tem, sem duvida, um mecanismo relativamente fácil de percepções. Se não é surda, o processo tem como êlo indutivo a palavra falada.

Desde que a criança tenha uma memoria auditiva normal, tudo que concerne ás percepções está preso ao fenómeno de ideo-audição. O objéto é perfeitamente substituível pelo som. Daí resulta que, quando lhe falla, ás vezes, a forma verbal exáta para representar as idéas, a criança se vale dos recursos intuitivos da onomatopéa. Substitui uma convenção por outra.

Se é surda, vale-se de uma gesticulação toda sua. A mudança dessa gesticulação constituirá, para ela, uma aprendizagem mais ou menos difficil, conforme o seu gráu de adaptabilidade ou á força das circunstancias.

Mas nenhum desses mecanismos de substituição de percepções é capaz de continuar a funcionar sem a sua memoria lípica.

Desde que uma criança não seja surda, o primeiro veículo de percepção que ela tem, isto é, o primeiro fio condutor entre o objetivo e o subjetivo é, inegavelmente, o da palavra falada, o do som.

A ideo-visão não deixa de ser preponderante^a em certos casos, assim como os demais mecanismos de percepção.

Entre todos os tipos de memoria é preciso observar-se qual é o dominador.

Os surdos, como tem cortado o êlo indutivo da memoria auditiva, têm poderosamente aumentada e reforçada a memoria visual. Aprendem, com relativa facilidade, a fisionomia das palavras escritas. Decroly e J. Degand têm, a esse respeito, observações muito curiosas.

—o—

Um dado em muitos casos negativo na applicação do método sintético é o quociente intellectual.

Embora êle seja, teoricamente, a ultima palavra em homogeneização de classes, é preciso que se convença de que, na pratica, êle passa, muitas vezes, como uma superstição pedagógica.

Pelo menos, as escalas ou o estalão de que nos servimos (Binet-Simon), nada adiantam, porque podem, nesse sentido, oferecer quocientes intellectuais muito altos em crianças que aprendam outras cousas muito bem, mas que aprendam a lêr com grande difficuldade.

Nenhum lêste focaliza a questão mater, o ponto vital da aprendizagem, porque nenhum escala dessas em vigor se fundamenta no método das variações concomitantes.

Passam sobre o dado — *memoria* — sem subdividi-lo em tipos.

O resultado é que a criança pôde aprender tudo muito bem, mas fará uma aprendizagem de acôrdo com o seu tipo especial de memoria.

E como os tipos mais comuns são os da memoria auditiva e topografica — tipos que coexistem na maioria dos casos — e como o tipo das memorias das forças é mais raro, porque seu mecanismo de percepção é mais complexo, por isso que demanda observações mais demoradas e o espirito da criança é, por natureza, instavel, — acontece o que naturalmente ha de acontecer: a criança decora o som e o local das palavras e não lhes fica as formas.

Aliás, isso acontece conosco mesmo, adultos, quando alguem nos lê cartas enigmaticas ou cifradas, ou quando estudamos uma lingua estrangeira. E' o que o vulgo diz "lêr pelo rumo".

A parte negativa do método sintético não está, portanto, no método propriamente dito. Está no modo de executá-lo.

O professor precisa jogar com uma complexa multidão de circunstancias imprevisas, cujas modalidades êle deve surpreender e fixar com cuidado meticoloso.

A posse do nível mental da classe não basta.

A homogeneização se faz teoricamente apenas.

Praticamente não se pôde deixar de adotar um sistema impírico, porque o essencial e respeitar-se o carater favel dos testes, neste particular. O quociente intellectual, a nosso vêr, como os téses o apresentam, não é a sôma algebraica de todas as faculdades aquisitivas. Falta-lhe um dado — o tipo de memoria. Esse dado é tão importante que o seu esquecimento pôde ser o responsavel pelo fracasso do método.

Daqui a importancia dos processos.

Claparède observa, com muita razão, que o método sintético será de resultado espantoso se fôr, tambem, sintético.

Ensinar a criança a jogar com as convenções, a substituir a cousa pelo sinal, eis tudo.

E nesse jogo — repetamos — não é a inteligência o que exerce a parte principal. É a memoria. Aqui predomina o método das variações concomitantes, como já dissemos, em que o tipo de memoria póde não ser tudo, mas não póde deixar de integrar o tudo.

Recomendamos aos colegas que se interessarem pelo que aqui dizemos os trabalhos de V. Henri e Benet (*"Le développement de la mémoire visuelle chez les enfants"*. Rev. gener. des sciences, 1894), e os de Ioterko (*"Nouveau procédé pour la détermination des types de mémoire"*. Rev. de Psy, 1908).

Desenvolveremos esta questão, aqui mesmo, brevemente. Teremos, então, de dizer o que pensamos sobre a organização das classes nos estabelecimentos de ensino primario e expôr os processos que julgarmos mais logicos na applicação do método sintético para o ensino de leitura nas classes de primeiro ano.

A ginastica do trabalho

Os trabalhos manuaes executados em madeira, visando, como os em papel, argila, etc., um fim educativo-instrutivo, constituem tambem um excelente meio de educação fisica, uma verdadeira ginastica natural, utilitaria e produtiva, muito mais proveitosa do que a suéca ou calistenica, que consta de certos movimentos apenas e sempre em vão, das extremidades, do tronco e da cabeça, atividades estas que não despertam grande interesse, por serem sempre as mesmas, monotonamente repetidas e cujos efeitos fisiologicos se acham tão fóra da percepção infantil, que as proprias crianças duvidam da existencia dos mesmos.

O mecanismo do corpo humano, como se sabe, é constituído de um admiravel conjunto de maquinas simples, em que predomina, em maior quantidade, a alavanca nas suas tres especies.

Na verdade, analisando-se o funcionamento de nosso organismo ou de uma de suas partes, encontrar-se-á sempre, ou quasi sempre, a alavanca representada por um ôsso, tendo por potencia — um musculo, sendo a resistencia, ora o peso do proprio órgão, ora um corpo estranho qualquer. Por exemplo: o radio e o cubito, no ante-braço, formam uma alavanca de segundo especie — interpotente — da qual a potencia é

representada pelos biceps; o ponto de apoio — pela extremidade do cubito e a resistencia — o peso da mão. Ora, sendo este peso sempre o mesmo, não poderá haver aumento do valor potencial, por maior que seja o numero de flexões e extensões das extremidades superiores, como acontece nos exercicios de corpo livre, embora tais movimentos concorram para o desenvolvimento da agilidade muscular. O aumento da força só se consegue com a ginastica feita com aparelhos — altêres, maças, barras fixas, escadas, cordas, etc.

Entretanto, o trabalho manual em madeira, bem dirigido e praticado pelas crianças mais crescidas, é considerado, igualmente, como uma ginastica capaz de substituir vantajosamente a que se faz em aparelhos, aproveitando-se, deste modo, toda a energia muscular desperdiçada na prática da ginastica propriamente dita.

Assim, o aluno que serra com o serrote uma taboa, estando com o corpo em uma posição natural, sem constrangimento algum, atento para que o golpe do instrumento não saia fóra da linha réta previamente marcada, executa uma serie de flexões e extensões dos membros superiores, inferiores e do tronco, como se fizesse o mesmo exercicio com auxilio dos altêres, maças, etc., e talvez com melhores resultados. Pela mesma fórmula, empunhando uma garlopa e aplainando um pedaço de madeira sobre o banco de carpinteiro, faz êle uma serie tal de exercicios fisicos harmonicos, que põe em atividade quasi todas as articulações e respetivos musculos, da cabeça, do tronco e das extremidades, realizando, por este meio, o desenvolvimento quasi que integral de suas faculdades, objetivo da educação, segundo os pedagogistas.

E a prova da excelencia da ginastica do trabalho encontra-se bem patente na robustez, saéde e força que se notam na classe dos homens que se occupam em serviços para os quais se emprega a energia muscular.

— Que belo e util não seria se a aparelhagem esportiva de hoje fosse substituída pelas ferramentas produtivas!

MANOEL PENNA.

Museu pedagogico e cinema educativo

A moderna pedagogia, que balisou a reforma da instrução em Minas Gerais, é mais social e humana do que científica e egoista. Tem, ao lado de suas altas finalidades, um certo numero de fundamentos tangiveis.

O museu escolar é um destes fundamentos. Cabe-lhe, por um lado, dar os alicerces materiais aos novos métodos do ensino e, por outro, servir aos seus objetivos sociais, que, na esfera educativa, se traduzem em objetivos economicos, higienicos e civicos.

Saber combinar essas finalidades, com uma boa orientação científica e um conveniente arranjo artistico, é trabalho que revelará o tacto e a capacidade do organizador do museu da escola.

Para pôr em apropriado destaque a vida nas suas multiplas modalidades, os mostruários hão de ser, eles mesmos, variados. Os produtos mineraiis, agricolas e pecuarios e as materias primas das industrias occuparão uma boa parte das vitrines. Tudo será disposto de maneira que se perceba a evolução natural desde os primeiros estagios da produção no campo ou nas minas, até depois da transformação em artefactos de uso corrente.

Considerando a fisionomia economica do museu, deve-se procurar expôr não só os produtos, mas tambem objetos referentes a meios de comunicação e aos modos habituais de trocas comerciais. E' sempre possivel sublinhar o aspecto higienico do museu, dando realce aos serviços que os referidos produtos prestam á proteção e á alimentação do homem ou dos animais que lhe são uteis.

Quando se faz, portanto, a arrumação de um mostruário em um museu escolar moderno, ter-se-á em vista reunir, não apenas amostras propriamente ditas, na antiga acepção técnica, mas fotografias, graficos, mapas, modêlos que evidenciem as transformações pelas quais os produtos tenham passado. Isto significa dizer que, ao lado dos exemplares materiais, ha uma larga documentação de outro genero informativo, quicá mais interessante e instrutiva para a criança, que a parte propriamente científica.

A largueza que assim adquirem os museus escolares se traduz por uma feição nova, inédita, que, naturalmente, chocará á primeira vista, pessoas habituadas á antiga maneira de os ver. A má impressão, porém, será dos primeiros momentos; depois se transformará em aplauso, quando passar o periodo da surpresa.

Os graficos, mapas e fotografias acima indicados tanto podem ser sobre papel como sobre peluculas transparentes para uso em estereoscopios.

Graças a essa suave evolução dos museus escolares, firma-se a interdependencia entre os seus proprios objetivos e os que estão sendo colimados pelo cinema educativo. Museu

pedagogico e cinema educativo não podem mais viver separados. Terão de caminhar juntos. Cada mostruário do museu pedagogico deverá ter como complemento um aparelho de projeção, seja de projeção fixa, seja de projeção animada, de calibre reduzido. O museu não dispensa o cinema.

Não basta vêr correr uma fita; o espetaculo é sempre incompleto sob o ponto de vista instrutivo. E' indispensavel tocar os produtos; ver-lhes a côr, o peso, o aspecto; examiná-los de diversos modos. Só assim se adquire uma impressão "quasi total", porque a "impressão completa" só se tem pela observação direta, visitando fabricas, ou campos de plantação, ou fazendas de gado, ou minas em exploração. Quer dizer que museus e cinemas não dispensam as "excursões". Como, porém, são praticamente inabordaveis as excursões do tipo aludido, porque não se pôde transportar alunos tão distantes, ter-se-á de limitar a instrução primaria aos meios pedagogicos accessiveis, de que os museus e os aparelhos de projeção são exemplos.

O cinema educativo, ainda que no Brasil ensaie os primeiros passos, é hoje, nos paises mais adiantados do Velho e do Novo Mundo, um auxiliar incomparavel do mestre, com recursos proprios que o livro jámais poderia pretender. Nas ciencias naturais, na higiene e puericultura o emprego do cinema abre perspectivas das mais sedutoras.

A lição da experiencia mostra que o emprego do cinema atrai a criança á escola; e além disso que os alunos mesmo os menores, começam a travar um conhecimento real com assuntos que, sem o cinema, só mais tarde viriam a conhecer bem.

A obra do cinema educativo, pela sua propria finalidade, impõe e exige o concurso de quantos se interessam pelo futuro da nação.

GERALDINO DE BARROS.

—o—

Nivel social da escola

(Dedicado á Associação de Mães de Família)

Raul de Almeida Costa.

"Transmitir a intelligencia das cousas constitue a probidade scientifica do professor". A sua probidade, aduzimos, tem, entre outras, uma caracteristica assás relevante: a igualdade de tratamento.

A visão niveladora do professor não conhece a noção de castas, confundindo, no mesmo plano, a humildade do pária e a distinção do nobre.

Sem dúvida, cumpre-lhe penetrar e distinguir peculiaridades mentais, bem como investigar, para o reajustamento físico-psico-social, as condições de vida dos alunos.

Sem intuítos de finalidade educacional, o professor jamais se apercebe de tais particularidades referentes aos mesmos.

Muito menos basearia na diversidade delas, variações do gráu de urbanidade, a qual deve ser como o sol: igual para todos.

Porque, se na agremiação de adultos a desigualdade de trato é odiosa, na comunidade dos pequeninos a sua consumação é um crime.

Na escola, como em outros nucleos sociais, tal procedimento dos dirigentes não influiria na diversidade de conduta dos dirigidos?

Por outro lado, não restringe os seus efeitos aos limites da sensibilidade individual, porque tem consequências atrofiantes da escolaridade e consequências dispersivas da socialidade.

Mais do que os homens, as crianças sentem-no, porque têm, mais do que amor proprio, pronunciado sentimento de exclusivismo.

E o esfacelo brusco dessa diátese infantil causa-lhes magua, a qual não se recalca apenas no subconciente, para mediados efeitos de reação.

Traduz-se, desde logo, na persuasão conturbadora da inferioridade.

Cremos não serem unica e exclusivamente os indices mesologicos os determinantes da regularidade com que as escolas psicometricas assinalam altos niveis das crianças de classes sociais mais elevadas. Por isso, pensamos que as mãos que tocam de caricias a cabecinha loira de uma criança cuja beleza a indumentaria realça, assume, *ipso facto*, um compromisso moral: Deve ter o mesmo envolvimento carinhoso e meigo para a que não tem a emoldurar-lhe o semblantezinho laços purpurnos ou madeixas cõr de ouro. E nem se diga que o primeiro gesto é o unico natural e espontaneo porque filho de uma admiração instintiva, consequente á irreprimivel sensibilidade da estesia e da beleza.

E' que o professor, digno desse nome, é cordial e afetuoso. Mas, vigilante de si mesmo, não tem gestos que se não

generalizem, muito menos, na classe, expansão que insinue idéa de predileção.

Tem apêgo aváro ás parcelas miminas da sua ética profissional.

Considera que o afago para um e o indiferentismo para outro não só quebrantaria a sua força moral.

Anteciparia para os seus pequeninos discipulos, a desilusão e o travôr da vida, na idade em que deve iluminá-la o plenilunio do sonho e da alegria.

E tem o senso da igualdade onimoda. Até nos festivais publicos infantis não o preocupa a questão de cõr.

Não lhe importa que o observador leigo e menos penetrante só compreenda a belêza no conjunto selecionado em que concorreram requintes de arte impressionista, mas sem o subjetivismo do fator moral e educativo.

Pois, ao invés de uma "troupe" profissional dramatica ou de comedias, ali está um pugilo de criancinhas que se educam, cujos encantos devem ser tambem perceptíveis, consoante a razão superior que as reúne.

— Já perlustrámos grande curso na escala das conquistas pedagogicas desde o dogmatismo da Escolastica até ao racionalismo liberal da pedagogia hodierna; desde o nihilismo de Tolstoi até á complexidade e aperfeiçoamento dos pedagogistas contemporaneos.

Em todos os movimentos reformistas o mesmo anseio insofrido e nobre de novas aquisições.

Oxalá prossiga a sua marcha acensional o progresso científico da escola, coroando de sucessivos exitos a pertinacia dos seus paladinos!

Mas que o completem, e lhe definam cada vez mais o sentido humano, as subtilêzas do igualitarismo, prevenindo o fluxo das tendencias, que falseiam a igualdade social e a fraternidade espirital dos pequeninos.

Minas, pelo patriotismo e inteligencia dos seus administradores, pela bõa vontade do seu povo, pelo esforço devotado dos seus professores, é um dos mais estrenuos propugnadores da realidade da educação brasileira.

A essa obra ciclopica têm-se consagrado penosas vigílias e aturadas elocubrações; a atividade dos braços e a taumaturgia fecunda e transfigurante da bondade.

Envolvamo-la tambem da fragancia do amor equanime, flôr trescalante que medra espontanea no abismo florido do coração materno.

Transplantemo-la para o vestibulo da nossa escola, acariciemos-lhe a radiação e o viço e, sob as suas ramagens envolventes, sorrirá unissona a alegria de todos.

Rio, 18 de junho de 1933.

Educação moral nas escolas

Um dos fins da Escola, o mais importante e que requer do professor todo o cuidado e carinho, é por certo o aperfeiçoamento do caráter e conduta do indivíduo. Entretanto, vendo notando, com dolorosa apreensão, que esse objetivo vem sendo um pouco, para não dizer completamente, descurado em nossos meios educacionais.

O ensino da moral se faz incidentalmente, lá uma vez por outra, e tão superficial e imperfeito, que nenhum vestígio fica de sua ligeira passagem. Muitos professores me têm confessado a dificuldade que sentem em ensinar moral aos seus discípulos. Queixam-se, entretanto, de que eles são desobedientes, teimosos, malcriados, preguiçosos e desfiam, enfim, um rosário de faltas mais ou menos graves que de balde tentam corrigir.

As lições de moral extraídas dos livros e transmitidas aos alunos em tom severo e dogmático, não de ser, por certo, muito difíceis, e demorados também serão os seus benéficos resultados... Se um menino se mostra rebelde a uma ordem, é severamente castigado, às vezes imprudentemente, acentuando-se-lhe então ainda mais a revolta, que se exterioriza por palavras e gestos atrevidos. Cresce a ira do professor, que perde o controle e... Deus sabe o que acontece muitas vezes! O momento oportuno de se dar uma ótima e eficaz aula de boa educação passou, e o mestre perdeu um pouco da sua autoridade perante a classe, que dele se ri à socapa. Daí por diante outros fatos idênticos se vão reproduzindo com alguma frequência, até que o professor se torna impotente para dominar e vencer a indisciplina reinante. Claro está que a um tão inábil educador se torna difícil o aperfeiçoamento moral de seus alunos.

Para que os ensinamentos da moral caem no espírito das crianças aperfeiçoando-lhes o caráter e melhorando-lhes

a conduta, não bastam somente as preleções e as leituras recolhidas, que despertam, é verdade, idéias justas e altruísticas, mas esses bons sentimentos, surgidos durante uma narração, um exemplo, não têm muitas vezes uma longa duração... São facilmente abafadas pelos maus instintos. Torna-se necessário fazer acompanhar essas lições, não só de exemplos e conselhos, mas da ação repetida até que se torne em hábito salutar. Mas, para modificar a conduta de um menino, de modo a preveni-lo no futuro contra os assaltos do mal, necessário se torna ao mestre conhecê-lo bem. Procure descobrir os seus defeitos e qualidades, suas tendências e interesses, e de tudo isto tire partido para renovar o indivíduo, criando nele algo de novo e de bom.

Lembrem-se os nossos professores de que a formação moral de seus alunos depende, em grande parte, de sua personalidade... Um mestre que sabe se impôr à classe pela sua atitude digna e acolhedora, que sabe ser energico sem fraqueza, bom, carinhoso e justo, pode estar certo de que influirá benéficamente na formação moral de seus alunos, constituindo-se o seu precioso modelo. Já tive a felicidade de deparar com mestres assim talhados. Com que atenção, prazer e amor eram acatadas as suas lições e obedecidas as suas ordens pelas numerosas crianças que lhes enchiam as salas! Infrequência não havia. Desordem, indisciplina, bocejos também não os notei aí. Nos olhos, tão cheios de ternura que se fitavam nas professoras, nos lábios sempre abertos em encantador sorriso, na atividade, enfim, que dirigia aqueles pequeninos cérebros, eu vi, feliz e admirada, a poderosa influência de um bom e habil educador. Interessada, quis observar essas crianças fóra da classe. Nas fileiras, nos recreios, se distinguiram sempre das demais, pelas boas maneiras, pela distinção com que tratavam sempre os colegas. Como conseguiram essas professoras tão rápidos e belos resultados? Unicamente pela sua personalidade, toda feita de dedicação, bondade e energia, aliada, também, a uma inteligência inteiramente consagrada ao desenvolvimento dos pequeninos seres que lhes foram confiados. Felizes crianças! Felizes pais!

Infelizmente, mui poucos são os que sabem compreender e praticar a difícil missão de educar. Principalmente agora, com as novas idéias de educação, é que o pessimismo, (para não dizer comodismo) campeia em nossas escolas. A indisciplina, a pouca educação das crianças, o seu atraso, tudo isso é dado como fruto da *Escola Ativa*... Quantas vezes não tenho ouvido disparates como esses: "A escola ativa proíbe que se corrijam os alunos. Não se pôde punir os desobedien-

tes, os preguiçosos... A liberdade aconselha que se deixem os alunos ao sabor de seus caprichos. Não se lhes pôde contrariar a vontade... "Pobre Escola Moderna, quanto crime se comete em seu nome! Onde foram buscar os seus demolidores gratuitos tão inconcebíveis idéas? E os professores que se aferiram a esses absurdos argumentos estarão por acaso cegos ou surdos? Talvez pertençam, quem sabe, ao grande numero dos comodistas, rotineiros, ou, pior ainda, dos mercenários... Bem sabem eles que a Escola hoje exige que o professor seja sábio e ativo, coraçoado de tenacidade e paciência, que ponha emfim o seu cerebro e coração a serviço da nobre tarefa de preparar os homens de amanhã, homens de alma sã, em corpo são.

Para que não se diga que as minhas despreziosas observações são faccis de se fazer e difíceis de ser realizadas, aqui vão alguns conselhos que eu julgo praticaveis e eficientes para a correção dos matos alunos, guiando-os assim no caminho do dever e da virtude:

a) Habituat as crianças, desde a sua entrada na Escola, ao cumprimento de seus deveres individuais e sociais, desenvolvendo-lhes os hábitos de ordem, economia, higiene, responsabilidade, paciência, veracidade, temperança, sinceridade, justiça, caridade e, enfim, todas as qualidades peculiares ao nome moralmente bem formado;

b) Não sendo possível ao mestre passar sem castigar, sem ralhar, deve êle usar, de preferéncia aos meios repressivos, os meios estimulantes, como recompensas, elogios, etc., de muito mais eficacia. Entretanto, esses meios devem ser usados com prudéncia e discernimento, afim de se evitar o desenvolvimento de certos defeitos, como a vaidade, o egoismo, o orgulho, etc. No emprego de meios repressivos, como repreensões, privação dos recreios, exclusão dos Clubs, procure o professor fazê-lo discretamente e sempre de acôrdo com o conhecimento que tem da natureza da criança. Para alguns alunos a repreensão em publico dá bons resultados e já para outros é contraproducente. Provoca revolta, indignação, e muitas vezes o odio. Para esses, a repreensão em particular, em tom severo, mas amigó, é mais prudente e eficaz. Tenha, enfim, o professor muito cuidado em não ferir forte demais quando o aluno é tímido, pois pôde torná-lo medroso e hipocrita. Evite tambem usar de meios brandos com crianças que possuam um genio forte e arrebatado, pois só conseguiria aumentar-lhes a rebeldia. Quando uma criança, após o castigo, se conserva revoltada, é porque fracassou o meio usado pelo mestre;

c) Quanto ás crianças precocemente viciadas e imorais, o unico recurso é a educação pela verdade, apontando-lhes as funestas consequencias desses vicios, falando-lhes com prudéncia, mas claramente, sobre o perigo de certos atos, os males morais e físicos que acarretam, auxiliando-os assim a conservarem a pureza de coração, a inocéncia, dom tão precioso e tão raro!... Leiam com atenção a magnifica obra de Marden "O Crime do Siléncio" e aí encontrarão conselhos salutareos para se evitar a ruina de tantas vidas. Quantos jovens, que, por falta de uma adverténcia, de um conselho, amigó, se afundaram no lodo da devassidão! Quantos, que devido ao imperdoavel siléncio dos pais e mestres, se atiram a uma vida licenciosa e dissoluta, levando por toda parte o aborrecimento da vida e o odio á virtude!

Senhores mestres! Grande é a nossa responsabilidade, não só perante a Família e a Patria, mas sobretudo perante Deus! Lembremo-nos de que somos os guias de tantas almas em flôr! Somos nós que teremos de responder pela conduta de nossos jovens. Empreguemos, pois, todo o nosso amor, toda a nossa intelligéncia em bem formar uma mocidade sã, cumpridora de seus deveres sociais. Mas, lembremo-nos tambem de que sem o catecismo, sem Deus, fatalmente havemos de fracassar!

Só Ele pôde dar ás almas esse complexo de qualidades que tornam o homem nobre, intrepido e bom.

LEONILDA MONTANDON.

Interpretação da escola ativa

FILOCELINA C. M. ALMEIDA.

Conversando certa vez com uma professora do interior, perguntei-lhe que conceito formava da escola ativa, e ela me respondeu:

— O peor possível!

E' a implantação da desordem na classe donde a *tal liberdade* tão preconizada pelos modernos educadores vareu a disciplina, tornando os alunos cheios de vontades, autoritários e até insolentes para com a professora que se vai tomando uma figura de papelão, joguete nas mãos de crianças indisciplinadas, verdadeiros senhores absolutos nos domínios da escola.

— Mas...

— E' o que lhe digo; na minha escola, os alunos eram bem educados, permaneciam quietos nas carteiras, bracinhos para trás, mas respiravam... era km gosto vê-los... e eu podia ensinar-lhes tudo, expôr-lhes pontos inteiros, sem ouvir um pio na sala, pois nem um se atrevia a interromper-me com perguntas; mas, depois que lá esteve um assistente técnico, introduzindo a liberdade na classe, a tranqüillidade da escola se transformou em anarquia; as crianças já não se sujeitam às minhas ordens, por mais que eu as castigue, e só querem fazer o que lhes dá na cabeça.

Aí está o que fez o tal senhor técnico.

— Mas êle disse aos alunos que poderiam fazer tudo o que quisessem ?

— Não, porém começou muito mái, pois, em lugar de manter gravidade e impôr respeito, como faziam alguns, cumpriu-me cordialmente a criança, como se tratasse com seus iguais, pediu-lhe, em seguida, que, ao invés de se levantar, continuasse a copia que já estava começada.

— Então procedeu muito bem, porque o assistente técnico não é um soberano implacavel, um espião maldoso que cause terror; é, antes de tudo, um companheiro de trabalho, um orientador amigo da professora e dos alunos, que nele verão um colega mais velho, um cooperador mais experimentado, cujos estímulos devem provocar reacções uteis, despertando a atividade da classe, que trabalhará confiante e satisfeita a seu lado, como o fazia junto de um companheiro da mesma idade. Nós, professores, nos devemos fazer pequenos para educar a infancia, afim de melhor compreendê-la e ser por ela compreendidos, o que não se dava outrora, pois, como a senhora sabe, na escola tradicional, contra todos os preceitos psicologicos, era a criança que deveria amoldar-se ao adulto de quem se considerava a miniatura; a esses pequeninos seres se impunham listas intermináveis de topicos das diversas materias (o mesmo que se impunha ao adulto, mas em menores proporções) as quais constituíam o programa escolar que deveria ser esgotado, custasse o que custasse, pudesse ou não a criança assimilá-lo; o essencial era empilhar no seu espirito uma grande soma de conhecimentos, embora estivessem em desacôrdo com a sua capacidade de aprender, com os seus interesses e necessidades, os quais estavam, por isso mesmo, votados ao esquecimento, ao transporto o aluno os limiares da escola, de nada lhe valendo, portanto, na vida pratica, o esforço imenso que dispendera.

Hoje, ao contrario, educa-se para a vida, visando a criança como centro de todo o sistema educativo.

A professora desce ao nivel do aluno, entende-se com êle, pesquisa as suas capacidades, suas tendencias, seus interesses, os fatores hereditarios, mesologicos que possam influir na sua personalidade e, empreendendo a grande obra educativa, baseada em principios psicologicos, conseguirá resultados maravilhosos desse conjunto admiravel de possibilidades, que é a criança.

Como simples orientadora, deve a professora estimular convenientemente o aluno, que reagirá sempre de acôrdo com as forças intimas que o caracterizam.

Uma criança normal, em ambiente adaptado, movida pelo interesse e guiada por uma professora habil, fará verdadeiros prodigios no aprendizado; terá prazer e constancia no trabalho escolar; saberá disceiplinar-se mentalmente, usando de sua liberdade, que lhe deixará compa livre para crescer fisica, moral, psiquica e socialmente.

Na escola moderna a criança não aprende o que quer, como supõem muitos, mas aquilo de que necessita e quer o que aprende, porque vê utilidade imediata nas atividades escolares, perfeitamente adaptaveis á vida, fóra da escola.

Ali o programa nada mais é que uma bem traçada norma de conduta, que pautará a vida do aluno, não para triunfar sómente na escola, mas para vencer na vida, onde se lhe depararão problemas sociais identicos aos que já resolveu em situações reais.

— Ah ! Agora compreendo; nesta parte a senhora tem razão.

— A razão não é minha — é da natureza que o impõe e da ciencia que estabelece leis.

— Se na escola moderna os alunos se tornam sociaveis, não sei então porque não quis o assistente que eles ficassem de pé e pediu-lhes continuassem o trabalho que faziam. Não acha que proceder assim é atentar contra os principios de urbanidade, tornando os alunos incívís ?

— Sel-o-ia na escola antiga; mas hoje, não, porque, sendo a escola ativa uma grande oficina em movimento, cujos maquinismos funcionam sem parar, ficaria o trabalho completamente desorganizado, se os operarios, que são os alunos, se detivessem a cada passo, á entrada do proprietario, do gerente, do administrador, dos visitantes, etc., salvo se a situação lhes impusesse o contrario.

Todos os adeptos da escola moderna, que é uma escola progressiva, apoiam esse principio e, longe de censurar uma

classe que continúa seu trabalho, á entrada dos visitantes, louva-a como classe ativa, laboriosa e bem disciplinada.

Depois que a senhora tiver interpretado bem a escola ativa, que a tiver praticado convenientemente, não se conformará mais com a passividade dos alunos, em nenhuma situação, nem atentará contra a liberdade dessas crianças felizes que se entregam com alma e satisfação ás atividades da classe que são a vida, a razão de ser da escola.

Do mesmo modo, quando os seus alunos tiverem adquirido o habito de trabalho, através da aquisição de habitos mentais, usando da cooperação como principio basico da democracia, nem pensarão em interrompê-lo, á entrada ou permanencia de quem quer que seja, mas saberão, se fôr mister, atender os visitantes, dando-lhes as informações precisas, acolhendo-os delicadamente, porque, na escola, não se instrue apenas, educa-se, promovendo o desenvolvimento geral dos alunos, isto é, a aquisição de habitos de higiene, de habitos mentais, morais e sociais.

A polidez, portanto, é uma das faces da educação e não será descuidada pela escola ativa.

Na America do Norte já se encontram escolas em que os proprios alunos recebem as visitas, mostram-lhes o estabelecimento, informam-nos de tudo, enquanto seus colegas trabalham afim de não se interromperem as atividades escolares.

— Uma escola assim, será o ideal. . . mas eu desejaría saber como provocar e manter a atividade da classe, sem promover desordem.

— Muito facilmente: despertando e mantendo sempre vivo o interesse dos alunos, o qual, auxiliado por uma boa adaptação, promoverá o esforço da classe, que se conservará atenta, reagindo, satisfeita, ás situações apresentadas, e daí resultará, sem duvida, uma nova forma de conduta, isto é, o aprendizado.

O movimento dos alunos que, em uma aula de desenho (motivada pela construção de um barco que eles mesmos projetaram), se levantam ou mudam de lugar para ver melhor os contornos do modelo; a discussão entre eles, sobre a maior ou menor dimensão, a côr, o formato, etc.; o empréstimo ou a troca de material; a consulta de livros, revistas, etc. ou a procura destes na biblioteca; o pedido de auxilio á professora ou a um colega mais adiantado; o entusiasmo incoitado de um que teve exito, etc., longe de ser desordem, é a cooperação, a disciplina mental, a liberdade bem compreendida, dentro da atividade producente.

Ora, em uma aula dessas, bem motivada, versando sobre assunto das experiencias infantis, de utilidade imediata e em situação real, todos os alunos se interessam pelo trabalho, que eles vêem como seu, de que sentem necessidade, reconhecendo o seu valor e, assumindo a responsabilidade do que fazem, interessam-se mais, esforçam-se muito, concentrando ali toda a atenção, de sorte que, ao invés de indisciplina e desperdicio de tempo, haverá atividade, rendimento de trabalho, desenvolvimento fisico, psiquico, moral e social dos alunos.

— Tantos aspectos de desenvolvimento em uma simples aula de desenho ? !

— Perfeitamente: a atividade do aluno que livremente se move na carteira, levanta-se quando é preciso, vira-se para um e outro lado, maneja o lapis e a regua, prepara seu material, etc. é uma boa ginastica.

Nessa atividade espontanea a criança vê, ouve e sente melhor, aprende a observar e a julgar, exercita a atenção, a memoria e a imaginação, faz associações de idéas, abstrai e generaliza, tirando conclusões através do pensamento científico e adquire assim grande soma de conhecimentos uteis.

A camaradagem que reina entre os alunos, como companheiros no mesmo trabalho, despertará neles o espirito de sinceridade, de confiança mutua, de proteção do forte para o fraco, de respeito á personalidade alheia, de amabilidade, de tolerancia, de liberdade, de gratidão, de solidariedade, etc.

Da cooperação nascerá a sociabilidade, o desenvolvimento de linguagem, o auxilio mutuo, etc., salientando-se o espirito de responsabilidade de todos e de cada um, do qual surgirá a confiança em si e a emulação alentada pela concepção, quando o trabalho se faz em grupos ou em forma de jogo educativo.

—Foi mais ou menos por esse processo que o assistente deu, em minha classe, uma aula de trabalhos manuaes, e devo confessar que os alunos se mostraram interessados.

— Porque então não continuou do mesmo modo, para tornar suas aulas ativas ?

— Ora, com uma aula só, não fiquei bem orientada, mas tentei experimentar o novo processo de ensino em outras materias do programa, e não foi possivel. . .

—Controlar os alunos ?

— E' verdade; os meninos falavam ao mesmo tempo; empurravam-se; alguns até saíam da sala. . . foi um descalabro, mas prossegui ainda por alguns dias, sem compreender mesmo o que fazia.

Por fim, desanimada, pensei que o melhor seria abandonar as inovações que eu mal *apanhára no ar* e submeter de novo os meus alunos ao regime antigo; mas a indisciplina foi maior e não consigo ordem na classe, por mais que invente *castigos* para obrigá-la a estudar.

— Os castigos são contraproducentes.

— Penso que sim, porque, quando eu me sinto muito cansada e os deixo entregues a si mesmos, o resultado é um pouco melhor; parece-me que já estão mal acostumados...

— Ao contrário, já vou compreendendo que o trabalho escolar não pôde ser uma tarefa obrigatória, imposta pela professora, sem uma finalidade para o aluno.

O grande mal é não seguirem os professores os conselhos e orientações dos técnicos do ensino, e, mal se retiram estes, a escola volta á forma rotineira.

Quando eu ainda cursava a escola de Aperfeiçoamento, já fazia propaganda da escola ativa, em que via todas as possibilidades do completo desenvolvimento infantil e, uma vez, ouvi de certa professora:

“Tolice! Vocês são visionárias! escola ativa e liberdade só se praticam na presença do inspetor, mas, depois que êle sai, os meninos têm que obedecer, porque orelha não passa cabeça”.

— Comigo, porém, não se deu isso, pois cheguei a experimentar, como já lhe disse, mas a orientação que tive do técnico, conquanto muito boa, foi insuficiente.

É verdade que assisti a uma aula modelo, mas ha nos dominios da psicologia muitos pontos basicos indispensaveis á pedagogia, os quais não sei, confesso, nem poderia aprender em um ou dois dias de assistência á minha escola.

— Tem razão; ha muita coisa que só a teoria não esclarece bem, mas o concurso da pratica resolverá tais problemas; portanto, seria ótimo que a permanencia do assistente técnico em uma escola fosse mais longa, para que pudesse apresentar á professora e receber dela varios problemas que seriam eficientemente discutidos e resolvidos.

De colaboração poderiam dar diversas aulas ativas sobre todas as materias do programa, fundar instituições escolares extra-curriculum, para melhor socializar a escola, etc., mantendo depois correspondencia ativa, em que a professora exporia sempre os progressos e dificuldades da classe, as quais poderiam ser afastadas por meio dessa correspondencia ou da revista do ensino; dessarte, cada escola inspeccionada seria, de fato, um nucleo florecente da escola ativa, e não se perderia tanto trabalho como se tem perdido, justamente

porque se tem, quasi sempre, de recommear o trabalho iniciado.

— Estou agora mais animada; mas as dificuldades são tantas...

— Leia “Vers l'école de demain”, de Angelo Patri, e verá quanto pôde a perseverança; procure tambem: “Transformemos a escola”, “La pratique de l'école active” e “L'autonomie des écoliers”, de Ferrière; “Psychologia experimental” e “Psychologie de l'enfant”, de Claparède; “O programa e a criança”, “L'école et l'enfant” e “Comment nous pensons” de John Dewey; “Como ensinar linguagem”, de Firmino Costa; “A escola progressiva”, de Anísio Teixeira; “Educação para uma civilização em mudança”, de Kilpatrick; as tradições de Lourenço Filho, etc. Enriqueça a sua biblioteca e faça dela o seu melhor recreio.

Nunca deixe de ler a Revista do Ensino, que é o principal órgão orientador do professorado.

Agora, um pedido: modifique a concepção que tem de um assistente técnico do ensino; veja na sua pessoa um amigo da escola; um emissario do bem e da verdade em quem os professores podem depositar inteira confiança; um sincero e ardoroso cooperador na obra educacional; um orientador prudente, laborioso e previdente, pronto a remover dificuldades, a concertar o errado, a encorajar sempre e a sanar tudo conscienciosamente, sem a preocupação mesquinha de denunciá-lo ao governo, por espirito de vaidade ou vingança, como pensam alguns.

— Eu lhe serei franca: conquanto não me considere das mais atrasadas, tenho, ás vezes, serias dificuldades, mas nunca tive coragem de expô-las aos inspetores, receiando que me tomassem por inepta ou indifferente aos novos estudos e me fizessem perder a cadeira com uma denuncia.

— Deste modo a senhora diminuia a ação benéfica do assistente e prejudicava-se, prejudicando tambem as crianças e o ensino.

Espero, porém, que, de hoje em diante pense de outra forma e coopere na divulgação da escola ativa, que merece melhor interpretação e mais elevado conceito.

— Desta conversa parece ter nascido o meu entusiasmo pela escola nova, mas desejo que nos encontremos sempre para trocarmos idéas sobre a reforma do ensino, e conto com a sua boa vontade para orientar-me.

— Pois não! estarei a sua inteira disposição e terei grande prazer com isso.

— Então vou narrar-lhe um fato que se deu comigo e pedir-lhe me aponte o caminho que eu deveria ter seguido: Certo dia preparava-me para dar uma aula de geografia sobre o rio Amazonas.

A custo consegui que alguns alunos prestassem atenção ao que eu lhes dizia; outros, porém, estavam completamente alheios à lição.

— Porque nela não tiveram parte ativa.

— Já reconhei meu erro, mas, continuando: quando falei na pesca do pirarucu e da construção das canoas de pesca, alguns meninos se levantaram, e um deles disse:

“Esta aula está muito grande e nós queremos ver as canoas dos pescadores que ficam ali na represa do rio.”

Zanguei-me com eles e mandei que se assentassem; como me desobedecessem, ameacci prendê-los à hora da saída, mas foi pior, porque fugiram, correndo.

Toda à classe se desorganizou: uns meninos chegavam às janelas, outros, à porta, enquanto os insubordinados corriam, em assoadas.

Vi-me obrigada a pedir a um menino maior e bem comportado que os acompanhasse e fosse prevenir os pais do ocorrido, afim de salvar a minha responsabilidade, no caso de algum desastre no rio onde poderiam entrar.

Depois disso não pude continuar a aula; mas, como a seguinte era de escrita, dei à classe uma cópia e dispensei-a mais cedo, porque a cabeça estalava-me.

Em tal situação, que me aconselharia?

—Que fosse mais prudente e perspicaz.

O professor habil observa todas as reações dos alunos; aproveita integralmente às desejáveis e modifica as que o não forem, respeitando a sua personalidade.

Muitas vezes o professor tem um objetivo, mas, porque não motivou bem a sua aula ou porque os seus estímulos foram fracos, o interesse dos alunos volta-se para outro objetivo.

O educador, porém, que está sempre prevenido para tais surpresas, adotarà o objetivo dos alunos, sem deixar de todo o seu, para o qual os levará depois, de sorte que estes, realizando o seu objetivo, realizarão também, sem o perceberem, o do professor.

No seu caso, quando os meninos quiseram vêr as canoas dos pescadores, a senhora não deveria zangar-se, mas dar-lhes atenção, para atrair o seu interesse e estimulá-los, porque toda criança, quando atendida carinhosamente, torna-se cordata; poderia até aplaudir a sua idéia, dizendo-lhes, por

exemplo: — A aula termina já; vocês gostam muito de ver os barcos? sabem fazer barquinhos de papel?

Se quiserem, amanhã, podemos aprender uns muito bonitinhos, como os do Amazonas, e outros como os daqui, mas é preciso observar bem para ficarem parecidos.

Vocês sabem pescar? a pescaria é mui divertida e o rio é mais bonito, visto de perto: as margens cobertas de capim verde e fresquinho, o barulho das águas, os peixinhos que saltam, os barcos que vão e voltam, as cascatas e as cachoeiras que êle forma, quando ha pedras ou descidas no seu leito, tudo é uma beleza!

E' um passeio que todos deveriam fazer, mas não sózinhos, porque é perigoso. — Mais ou menos estas e outras cousas poderia dizer a professora, e está claro que não falaria sózinha; ao contrario, ela promoveria o assunto e, generalizando a conversa na classe, daria estímulos para que todos se interessassem e falassem, trazendo sua contribuição.

Ora, se os alunos estivessem habituados a fazer excursão, eles próprios se lembrariam de propor uma, e a senhora que precisava interessar mais os meninos que desejaram sair, os chamaria para combinarem com os outros o plano da excursão, o qual poderia ser discutido e organizado pelos alunos, em cooperação, no quadro negro.

Ficaria assim a aula de geografia associada às de linguagem oral e escrita, porém com muito mais proveito do que uma simples copia.

A senhora me disse que esses meninos estavam alheios a sua lição; pois não estavam: a prova é que associaram a idéa relativa aos barcos do Amazonas, apenas descritos, à idéa, mais significativa, dos barcos da localidade, que os deviam realmente interessar muito mais.

Já vê que as reações aparentemente indesejáveis de tais alunos, bem dirigidas, poderiam tornar-se boas e motivar a excursão, que é um material de primeira ordem para o ensino da geografia.

Durante a excursão, a senhora poderia facilmente guiar os alunos, de modo que eles aprenderiam o rio e, através dele, o Amazonas (objetivo da professora); enriqueceriam suas experiências; haveria liberdade e ordem, observação direta, comparação, associação de idéas, desenvolvimento social e de linguagem, conhecimento da historia e da geografia locais (de onde a senhora deveria ter partido), auxiliando a transferencia para o conhecimento do remoto, etc.; haveria também exercícos físicos, nas corridas, saltos, etc., e o prazer que experimentaríam os alunos e faria com que lembrassem e

conservassem melhor as ocorrências do passeio, o que se discutiu, o que aprenderam, etc.

Tudo isso nada mais seria que uma serie de aulas associadas e atraentes, dadas pela intuição direta e tanto mais ricas se tornariam quanto melhor soubesse a professora despertar e manter o interesse dos alunos, aproveitando as oportunidades, sem descuidar das diferenças individuais.

Essa excursão poderia ainda servir de motivo e fornecer imagens muito significativas para uma composição que os alunos fariam com prazer e sem dificuldade, porque a expressão depende da impressão e da grande massa de experiências.

Muitas outras aulas poderia ainda motivar, como desenho, trabalhos manuais, continuação da geografia, ciencias naturais, etc., etc. e até um projeto de que lhe falarei mais tarde, quando tratar do metodo de projetos.

Veja bem que saber interessar os alunos, aproveitar suas reações e valer-se da situação presente é a chave do grande enigma.

— Lamento haver perdido tantas oportunidades nessa aula de geografia, mas nem por isso desanimarei.

— Faz muito bem; entre na falange dos encansáveis paladinos da escola ativa, lute com fé, e a vitória será sua; querer é poder!

— Posso contar com seu auxilio?

— Perfeitamente; em nosso segundo encontro a senhora me exporá as dificuldades que encontrou, para que as resolvamos juntas, e aberdaremos novos problemas.

(Continúa).

Belo Horizonte, 27 de junho de 1933.

Problema de educação

Julio Porto-Carrero disse que a educação domestica tal qual a temos, é verdadeira "arte de perverter".

Conquanto muito forte, esta afirmativa se impõe como verdade incontestada aos que pensam e observam.

Todo educador, por mais ignorante que seja, antes de tomar uma attitude qualquer perante o educando, tem firmado em seu espirito — em geral inconscientemente — um principio, uma concepção filosofica da vida e da educação; e é

baseado nesse ponto de vista que elle escolhe os processos educativos para a pratica quotidiana.

E, infelizmente, o ponto de vista geralmente aceito é o da coerção: — é preciso contrariar a criança, reprimir seus impulsos instintivos, castigá-la mesmo, para que se torne possível sua formação moral de acôrdo com os canones atuais da civilização.

A educação pelo medo ou pelos castigos, eis o que se pratica geralmente em nosso meio.

Se perguntarmos, entretanto, ao educador: — que é a criança? — elle se encolherá todo, acabando por confessar sua ignorancia a respeito.

E, na verdade, a resposta não é muito simples. Das nossas professoras, em grande numero cultas, esforçadas e inteligentes, raras são as que têm, perfeitamente cristalizada em seu espirito, uma concepção segura acerca da criança.

E sem esse conhecimento é impossível ao educador a adoção de meios racionais e efficientes para facilitar ao educando o seu desenvolvimento integral e harmonioso.

Analiseemos, ainda que de modo perfunctorio, algumas das diversas theorias que, a respeito, têm apparecido no campo da educação e da filosofia.

1 — O homem ao nascer é uma *tabula rasa*, é uma folha de papel em branco, onde traçaremos, pelo exemplo, influencias do meio e da educação, todas as linhas do caráter.

Concepção antiga e inaceitavel: — duas crianças, filhas dos mesmos pais, educadas sob as mesmas influencias seriam iguais — absurdo.

2 — O homem nasce bom — a sociedade o perverte (Rousseau). Ponto de vista contestado pela ciencia: — está no conhecimento de todos que ha impulsos subconcientes e inconcientes, impulsos instintivos concorrendo para a formação do homem. A diversidade de caracteres, profundas diferenças individuais são comuns entre individuos formados sob as mesmas influencias hereditarias, de educação e de meio.

3 — O homem é um produto de forças instintivas herdadas. A hereditariedade é inflexível e constante. O homem é, assim, um ser determinado: — as tendencias são constantes na sua manifestação. São como um rio: correm sempre na mesma direção. Ha, portanto, no homem, forças boas ou más, impulsos altruistas e egoistas. A psicanalise localiza os primeiros no subconciente coletivo de cada indi-

viduo, considerando-os como méro produto social, e os segundos, no subconsciente pessoal; aquêles podem ser encontrados em todos os indivíduos, o mesmo não se dando com estes últimos.

4 — Ha no homem um conjunto de forças, mas forças indiferentes, impulsos que podem tomar a direção do bem ou do mal, conforme sejam boas ou más as influencias de educação e do meio em que o individuo seja levado a viver. E' como se dissessemos: — são forças propuloras, um dinamismo interno, mas forças cegas, que poderão ser aproveitadas para o bem ou para o mal.

Basta uma pergunta para afastar tal concepção: — Como se explica então a cleptomania, tendencia para o crime, ou a ascensão maravilhosa que individuos, vindos das mais infimas camadas sociais, têm feito na vida, chegando a adquirir nome universal, a alcançar mesmo a posição de condutores da humanidade?

5 — O homem é máu; tende sempre para o mal. Só a vara, o castigo uma forte compressão exterior, poderá forçá-lo a subir o aspero caminho da virtude. Há uma eterna luta entre a materia e o espirito, entre a graça e a natureza, entre Deus e Satanás. Desconfiemos do homem e de nós mesmos; castiguelo e castiguelo-nos, porque, só assim, alcançaremos o reino dos céus.

Essa concepção, geralmente aceita no recesso de nossos lares, vai felizmente cedendo terreno a uma idéa mais alta da vida e da humanidade.

Foi o proprio homem que fez a civilização atual: — tudo o que no mundo ha de bom, de belo, de grande e de sublime a êle se deve. Se o homem fosse naturalmente máu a humanidade já se teria extinguido. Fraternidade é um sentimento perene no coração humano e o leva, como caudal invencível, ao sonhado reino da cooperação e da comunidade.

Se ha individuo impulsos bons e máus, forças sociais e anti-sociais, acima desses elementos e, como que presidindo-os, encontra-se algo que o impêlle para o alto e para o melhor, "uma luz interior, mas eterna, que ilumina o homem".

A Natureza e a Graça se opõem aparentemente. No dizer de Julio Navarro, a luta entre elas só pôde ser aceita pela mentalidade atual como o simbolo de um choque entre o dinamismo das forças espirituais, creadoras, que impêlem

para cima, e a inercia, a resistencia que a materia opõe á eclosão de novas fórmãs vitais".

A hereditariedade põe de fato no individuo um conjunto de forças boas e más; entretanto, além dessas forças, existe algo de profundo e sublime, que coordena, que põe ordem na republica dos instintos varios e desencontrados. Sem esse misterioso impulso intimo não teria havido evolução; seria impossível o progresso: — nós sabemos o que são no homem os impulsos para a Verdade, para a Justiça, para o Bélo e para o Bem.

Confiemos, portanto, na criança e respeitemos sua individualidade; eduquemo-la pela Liberdade, não nos esquecendo de que ha um ponto em que a Lei e a Liberdade coincidem e se confundem, tornando-se então verdadeiramente uteis e fecundas.

Ciente de que ha no educando heranças boas e más, cabe ao educador conhecer e aplicar os meios que provoque e desenvolvam as qualidades selecionadas como valiosas e que, por outro lado, facilitem a derivação ou sublimação dos instintos anti-sociais.

Convém, a todo transe, evitar a atuação dirêta e coercitiva sobre o espirito da criança; ao invés disto, deve o educador crear um ambiente rico de estímulos, que desperte e encaminhe as atividades uteis do educando.

A criança age porque precisa dar liberdade a impulsos interiores, geralmente acompanhados de uma carga emotiva.

E' possível a quem educa recalcar esses impulsos pela violencia ou pela força: — os prontos resultados obtidos satisfazem ao educador e muitas vezes o convencem de que tais processos são os melhores para a obtenção dos fins colimados. Tudo é, entretanto, aparente e illusorio: o individuo submetido a tais processos, além de não se educar, fica exposto a consequências desastrosas, hoje claramente apontadas pela psicanalise.

Os impulsos recalcados na infancia por meios violentos passam a constituir no inconciente do homem complexos de varia especie, que, por um estranho fenomeno de deslocamento ou transferencia, dão origem a neuroses, perversões, psicoses e até mesmo ao crime.

A sublimação, ao contrario, constitue uma fórmula util ou inocua de libertar os impulsos ou instintos, fazendo que os mesmos percam a sua carga de emotividade.

Os jogos em geral, e com especialidade os esportivos, o trabalho intelectual, a religião e sobretudo a atividade artística, são recursos excelentes para sublimar os maus impulsos.

A Arte, no dizer de um grande mestre, é o caminho de todas as sublimações.

Em nosso proximo trabalho, se o tempo não-lo permitir, ventilaremos a parte prática relacionada com as questões acima expostas.

JOSE' RAYMUNDO NETTO.

Tolstoi—Precursor da escola nova

A Rússia sempre causou espanto e admiração ao mundo civilizado, pela formação heterogenea e dispare, mesclada de elementos varios. Foi, nesse meio, assim constituído, que appareceu aquella figura de Pedro, o Grande, tão bem definida por Euclides da Cunha, "perlustrando a Europa toda num perquirir incansavel, que o arrebatava das escolas para os estaleiros, dos estaleiros para as oficinas, das oficinas para os salões, entre os filosofos, entre os mestres e artifices, entre os cortesãos e os reis, observando, indagando e praticando, imperador, aprendiz e discipulo, barbaro perdidamente enamorado da civilização, propellido por uma ansia inextinguivel de saber, iniciou-se em todos os segredos da existencia nova, que anelava transplantar no seu povo ingenuo, grandioso e robusto.

Mais tarde desata-se o poder assimilador do genio slavo, e, pouco depois, a nação, educada pela Europa, apparecia-lhe com os olhos surpreendidos e aos aplausos que rebentaram, espontaneos, como Turgueneff, com Dostiewsky, com Tchekkof e como Tolstoi, esse naturalismo popular e profundo, repassado de um forte sentimento da raça, que tanto contrasta com a organização social e politica da Russia".

Sempre acalentei, mesmo, em pleno agraco da juventude, pelo cristão pratico — Lion Tolstoi — exemplar perfeito de escritor e mestre, cultural e profunda veneração.

Era, com indizível contentamento, que lhe cotejava os trabalhos tão interessantes, quão peçados de caudais de ensinamentos, com especialidade debaixo do ponto de vista sociologico.

Com serem empolgantes, rumam o nosso espirito fatigado das agruras da Vida para ideais mais alevantados, numa esfera espiritual tão elevada que temos vontade de, na dinamica social, exercer papel mais eficiente.

A obra do escritor russo é um grande e poderoso estimulante e higieniza-nos a alma.

Da leitura dos trabalhos do egregio mestre se desprende que toda sua mocidade foi trabalhada nas grandes lutas em prol da perfectibilidade do genero humano, em arrancaças de constantes e sinergicos esforços, no sentido de melhorar as condições da sociedade.

E essa melhoria só se consegue nas oficinas de aceplimento do intellecto — as Escolas.

E, agora, que, com tanto intercale, se enraiza nas camadas administrativas a preocupação de serem introduzidos melhores metodos e processos de ensino, mais conformes á pedagogia hodierna, cabe, por sem duvida, com inteira justiça, a Tolstoi, o titulo de precursor da Escola Nova, pois, de suas obras, verdadeiros exercicios de ensinamento e talismans de crença, emana constante intenção social, nimbada das modalidades por que o orbe terraquo devia passar, em face da civilização, em procura de melhor porvir.

Com olhar arguto, permanente, de psicologo profundo, alcandorado no seu outeiro de encantos, conhecendo o valor e a beleza de um ideal da Vida, o Mestre via, como ingenuo, a necessidade da organização do trabalho, e, daí, o imprescindível valor de os educadores atentarem no respeito que se deve á personalidade da criança.

Cortejando-se a obra do grande sociologo russo, a miude, se nos deparam gritos incontidos de liberdade. Vê-se o escritor absorvido por um ideal, descendo do pelago profundo do tumulto de uma sociedade carcomida pelo absolutismo, para, de lá, arrancar o fio tenue da Verdade, em beneficio da humanidade sofredora, devassando e palmilhando caminhos mais seguros, afestoados de progresso mais edificante e salutar.

Não o seduziam apenas as teorias pregadas sobre a renovação pedagogica; foi mais além, manteve sua afamada Escola de Iasnaia-poliana — laboratorio vivo de experiencias proveitosissimas, cujos resultados efficientes se infiltravam por entre as camadas sociais da Russia, não só alindando e transformando-lhe os costumes em busca de melhores dias, senão tambem propugnando-lhes sadio bem-estar.

Do trabalho educativo russo, empôs a revolução de 1917, resumbrá, com preponderancia inusitada, a ascendencia formidável das idéas pregadas e postas em pratica pelo grande socialista, e, do caldeamento do seu realismo, entre-laçado com o pragmatismo americano, brotaram em caudais de benefícios a harmonia e o ritmo fortes da reorganização escolar, por que está passando aquêlê país.

Exaro, e, aqui, nestas despretenciosas linhas, sirvo meu preito de acatamento á memoria daquêlê Precursor da Escola Nova — cuja passagem por este planeta — foi uma sementeira de sãos principios, espalhando, á flux, o Bem pelo Universo, como sociologo, pedagogo, escritor e insigne Mestre da Pedagogia hodierna.

OLYNTHO PEREIRA DA SILVA.

Confrontando e concluindo

"Leitor, se não gostas de crianças, não leias estas paginas. Se "pedagoga" e "pedante" a seu ver, devem ser sempre, termos sinonimos, não me leias".

Adolfo Ferrière, ao iniciar, assim, o seu livro "Transformemos a Escola" em que se debate por uma escola viva, onde a criança é vida e ação, não compreende que um leitor indiferente ás garrulices infantis o possa ler sem deplorável perda de tempo.

Se, em nosso lar, comodamente recostados sobre fôfas almofadas, nas horas de lazer, despreocupados de tudo e de todos, para lermos com prazer e fruto um Ferrière, quando apenas fala sobre crianças e seus direitos legitimos, é-nos necessario amá-las, que diremos para educar diurna e diuturnamente crianças travessas, nas horas de calor e de frio, fóra dos nossos confortos caseiros e sob certa disciplina?

Ao assistente técnico, que vive a percorrer escolas, auscultando-lhes o pulso, ouvindo familiarmente, em cada cidade e em cada bairro, alunos, pais de alunos, professores e inspetores escolares, não passa despercebido o desamor de alguns e o amor de outros professores para com seus educandos e, consequentemente, para com sua escola.

A feição e a desafeição entre professores e alunos, difficilmente se esconde durante os dias de aulas, no decorrer do ano letivo, e, por ocasião da visita do assistente ao estabelecimento, os prejudicados não resistem ao sabôr de uma

queixa e os beneficiados pelos carinhos do bom professor fazem, logo, saltar dos labios aquilo de que os seus corações estão cheios — "Não quero professor melhor para meus filhos."

O assistente, portanto, não se ilude diante desta afeição de escola, salvo se não se dispôse a uma ligeira familiaridade com os interessados pelo ensino em cada localidade. Feito o diagnostico, prevê as consequencias, quasi sempre as mesmas.

Aquela escola do professor A, ninho de afêtos e de iniciativas, lar gasalhos, oficina de pequenos operarios, em que uma simples palavra do professor vale mais do que o ressoar estridente dos timpanos e os écos das violentas varadas sobre a mesa, aquela escola é semelhante ao futuro lar de cada um dos seus alunos, lar cheio de vida, colmeia feliz onde tudo é iniciativa, tudo sorri para o futuro, tudo lembra um passado sorridente, tudo, enfim, espalha o professor A, sempre vibrante e amoroso.

Naquela outra do professor B, em que um atrabiliario enfado é o aspecto predominante, por existir dentro da mola motriz de todo o estabelecimento, que é, sem duvida, o coração do professor, sempre indispôto a amar a sua carreira e os seus alunos, naquela escola, tudo revela uma estufa encerrando plantas aclimadas com violencia, que jamais chegarão a ter o viço das plantas nativas crescendo á luz dádiosa do sol que as viu nascer. Esta é, naturalmente, outra escola "modelo" em que estão sendo delineados futuros lares de infelicidades, desalentos e desgraças, onde a autoridade paterna será uma utopia, o pão será escasso, o trabalho será detestado como peso inaceitável, a vida e o entusiasmo serão coisas desconhecidas.

Ao professor A, nada mais facil do que uma palavra de incentivo, que terá a sua influencia duradoura na existencia do educando, reflectindo-se, mais tarde, na vida social deste e na organização da sua familia.

Ao professor B, pelo contrario, nada tão corriqueiro e natural como arrancar abruptamente, insensivelmente, continuamente o mínimo brôto de entusiasmo, que, ás vezes, num impulso de defesa propria ameaça rebentar daquelas arvoredzinhas infantis, que, assim desbrotadas, durante quatro e seis anos, perdem, pouco e pouco, a sua exuberante seiva e luxuriante ramagem.

E esse desbrotar cruel de iniciativas em germen, projecta, á distancia, futuro a dentro, uma cadeia de sombras

contaminadoras, em cujos negros tentáculos fenecerão os ideais de uma geração nascente. A propósito, o seguinte fato:

O sr. X, meu inteligente e malgrado amigo, de triste memória, andava, durante dias inteiros e sucessivos, muito pesaroso, quando nos encontramos em horas de descanso e calma, à sombra das árvores de um jardim. E iam juntos, eu, gosando o frescor das alamedas verdes, e ele, mal o sabia eu, sofrendo agoniado o queimar de qualquer chama inferior, que, a uma pergunta minha, me foi assim revelada:

Meu caro amigo... estou convencido de uma coisa... Eu sou um homem inútil... Meu pai me dizia isto... meu mestre, também. Hoje vejo que tinham razão. Tudo o que empreendo fracassa, e o motivo do fracasso sou eu mesmo...

Diante disto, diante do que é real para mim, e hoje me vem à imaginação como sombra triste do passado de um amigo que, pela inteligência e capacidade moral, poderia estar colocado superiormente, e, no entanto, foi-lhe cortado na escola por um desses professores tiranos e mercenários o fio da felicidade; diante do que conheço e do que imagino, confesso o meu invencível tédio ao penetrar os limiares de um estabelecimento de ensino em que se violados com reincidência os mais sagrados direitos da infância.

Ao professor, ou porque sejam escassos seus vencimentos ou porque o moleste o povo da localidade, ou por estar descontente consigo mesmo, não lhe assiste o direito de desabafar as aperturas do seu coração com frases negras e cheias de bilis atiradas despoticamente contra seus pequenos educandos.

"A sorte da criança", diz Marden, "depende do primeiro meio em que foi criada, dos pais, dos professores e dos companheiros, porque é deles todos que ha-de tirar os elementos que, mais tarde, lhe formam o caráter. Na criança existem os germes de todos os defeitos assim como os de todas as boas qualidades. Uma mãe que seja má e um professor mau, dirigindo-se ao que na criança ha de mau, desenvolvem-lhe os maus germens; uma boa mãe e um bom professor, despertando o que ela tem de bom, desenvolvem-lhe as boas qualidades. O mal corresponde ao mal; a nobreza de sentimentos corresponde à nobreza de sentimentos. Ha tres coisas indispensáveis à criança para ser feliz: *A Alimentação — o Amor — O Divertimento*. A seguir à alimentação e ao amor, o que mais desenvolve a criança é o divertimen-

to. Não sabeis amar os vossos filhos se lhes reduzirdes o tempo dos jogos".

"O jogo", declara Froebel, "é, na realidade, a maior atividade espiritual do homem, na infância. A criança que joga até se cansar, deve vir a ser, com certeza, um homem resoluto, capaz de se sacrificar pelo progresso e bem estar de si mesmo e dos seus semelhantes".

Lindsey diz: "A criança é uma criatura maravilhosa, um ser divino; podemos esperar muito dela, mas, ela tem também muito a esperar de nós e o que ela nos dá depende em grande parte do que nós lhe damos."

E, finalmente, o primeiro defensor dos direitos da criança, Christo: "se alguém escandalizar alguma destas crianças que creêm em mim, melhor lhe fôra prender ao peçoço uma mó de moinho e atirar-se ao mar." "Deixai vir a mim estas crianças, não as estorveis."

Conhecidos estes direitos da infância, cumpre ao professor ministrar-lhe o ensino, respeitando-os como direitos intangíveis, não só isto, defendendo tais direitos quando vítimas da incompreensão dos pais ou tutores.

Se as nossas forças não no-lo permitem, ha um só caminho salvador: *retroceder e deixar que outros façam o que nos parece impossivel*.

JOÃO RESENDE DA COSTA.

A dedicação

Quando me foi confiada a nobre missão de assistente do ensino, organizei o meu plano de ação que tem constado de conferencias pedagogicas, critica e aulas. Julguei por essa forma contribuir para o aperfeiçoamento dos processos de ensino em nossas escolas.

Hoje, após quatro anos de trabalho e observação, convenci-me de que só ha um meio capaz de conduzir ao desejado resultado.

Vamos fazer as seguintes considerações:

Penso que não ha hoje professor algum que não esteja convicto de que o interesse do aluno é o centro sobre que giram os bons processos de ensino e de educação. Despertá-lo pelos meios adequados é a melhor obra do educador, é favorecer o aprendizado.

Pois bem. Como poderá o professor despertar o interesse do aluno se não tiver ele proprio interesse pela eficiencia de sua escola? Como modificar os seus processos se não tiver interesse por isso?

Educar é, pois, obra de vontade, de dedicação, de altruismo.

E o que é dedicação?

— É o estado presente do espirito que observa, perscruta, analisa e conclui; é a aplicação das energias espirituais; é essa força maravilhosa que impelle e arrasta.

Portanto, é tão importante o interesse do educador como o interesse do aluno. Influenciado pela dedicação do professor, desperta-se o interesse do aluno, pois que se contagiam as atitudes mentais.

Pequeno e até nulo o efeito de uma obra em que não se ponha toda a vontade.

Diz o proverbio — O amor e a fé nas obras se vê.

As vezes se ouve de um professor: "Vivo para a minha escola", querendo com isso mostrar sua dedicação. Inutil é manifestar-se, pois suas obras o dirão. E quantas vezes elas não têm confirmado aquela asserção!

É a dedicação o meio a que me referi acima.

Sem ela é impossível ao professor o aperfeiçoamento de seus processos de ensino.

Não espere ele que apareça um enviado especial a reformar a sua escola. A reforma provirá de sua dedicação, assim como o bom aproveitamento provirá do interesse do aluno.

Sem ela pôde-se dizer que o corpo está presente, mas o espirito está ausente.

Ela é a determinante de um esforço que não produz cansaço, mas, ao contrario, que anima, alegre, alivia, educa o caráter.

Todos já sentiram certamente o efeito de um trabalho executado com interesse e vontade: As horas passam-se rápidas, um bem estar íntimo, o prazer de êxito, afinal. O contrario, porém, quando não ha interesse: horas longas e tediosas, esmorecimento.

Carta vez, ao passar perto de uma escola, notei, atravancando-lhe a porta, um amontoado de páus, pedras e tijolos. Concluí logo — A professora não é dedicada. Previo como seria o interior. E não me havia enganado. Tudo o indicava: teias de aranha, poeira sobre os moveis, papéis pelo chão, livros em desordem, alunos atrasados, professora sem confiança em si . . .

Quando não houver aproveitamento impõe-se logo a conclusão.

Não se desculpe o professor alegando que os seus alunos são pouco inteligentes, sem atenção . . .

Mesmo com os métodos mais rotineiros ha sempre eficiencia em uma escola cujo professor é dedicado. Para este basta dizer que se cogita de reforma, e a dedicação o impellirá a se prover dos recursos necessarios: estudo, observação, material, etc.

O dedicado não se sente amesquinhado em aprender com outrem, em aproveitar as experiencias alheias, o que a muitos parece humilhante.

Aos professores de minha circunscrição, entre os quais se contam muitos dedicados, eu os concito a que apliquemos a maxima dedicação á nossa profissão, que pôde ser fonte de imenso prazer e para que possamos gosar a paz espiritual, de que só são dignos aqueles que sabem cumprir o dever.

Façamos a vida feliz, tomando uma divisa e batendo-nos por um ideal superior, para que não se apodere de nós esse tédio proprio dos vencidos, dos que tombáram no negro vácuo de uma vida sem amor e, portanto, sem vitoria.

Consideremos que o prazer, o triunfo não se logram gratuitamente, mas a custa de trabalhos constantes e ás vezes de ingentes esforços, que terão na dedicação um grande incentivo e um poderoso lenitivo.

Pensemos com Vitor Hugo:

"Ceux qui vivent ce sont ceux qui luttent, ce sont ceux dont un dessein ferme emplit l'âme et le front; Ceux qui, d'un haut destin, gravissent l'âpre cime; Ceux qui marchent pensifs, épris d'un but sublime, ayant devant les yeux, sans cesse, nuit et jour, ou quelque saint labour ou quelque grande amour."

OTTILIO GONÇALVES

Preparemo-nos para a competição universal

Maximino Ribeiro de MIRANDA.

Na organização do ensino normal está o futuro do Brasil, nos seus multiplos aspectos. Isto porque, em tempo algum, como nesta hora de caos universal, em que os povos tumultuam em frente do clarão condutor de velhas miragens

políticas, revivecidas pelas desilusões sociais e pelas vicissitudes económicas, se fez mais aguda e tão imperiosa a necessidade de preparar preceptores para as gerações que se renovam, como as células orgânicas.

"A desordem social cederá, diante de uma seria obra de educação popular" — preceituou o grande condutor de povos, que foi Sarmiento. E porque o mundo hoje — o mundo social, económico e político — é a desordem generalizada, a desorientação e a confusão, surge aos olhos das nações, como diante da França e da Alemanha de 70, o dilema do preparo dos condutores intelectuais das massas, para os objetivos políticos.

Aquele tempo, os objetivos políticos resumiam-se na consolidação da vitória e na assimilação dos despojos, de um lado; do outro, no caldeamento da témpera nacional, para a "revanche".

Ao professor primário foi cometida, no impulso inicial, essa tarefa de deuses: construir. O professor primário fazia o material indispensável — o individuo convenientemente instruído, líjolo vivo, animado de virtualidades impetuosas; os artifices do Estado incumbiam-se de amalgamar esse material, segundo os detalhes arquitetonicos da imensa obra nacional, traçada dentro de cada fronteira.

Da escola primária, oficina miraculosa de gigantes, surgiram a Alemanha que abalou o mundo e a França que suportou heroicamente o choque triturante dos maiores exercitos e dos mais terríveis engenhos de destruição de todos os tempos.

Não importa referir e discutir aqui as demais causas que concorreram para a porfia dos obreiros, num e noutro país; elas tinham a embaciá-las o egoísmo peculiar ás obras políticas, em que a civilização disfarça a partilha do sólo e das riquezas que aí existem; no fundo, o exemplo luminoso de patriotismo, de abnegação e de renúncia foi dado pelo mestre-escola. Se êle trabalhou para um fim menos humano, tinha a redimir-lhe a ação confinada este sentimento insopitável — o amor ao fogo da sua lareira.

A grande guerra universalizou o fenomeno ocorrido com aqueles dois países: o professor, como órgão imprescindível á resistencia dos povos, elaborando a expansão individual, em que reside o segredo da vitalidade das aglomerações humanas, tornadas entidades competidoras no permanente xadrez das civilizações.

Universalizou o fenomeno, deu-lhe um sentido mais alto e sobrecarregou o professor de graves responsabilidades. Já agora não se exige dele apenas o preparo do individuo para um fim especial, pre-determinado, indiferente á colaboração de outros fatores; mas, sim, o preparo das gerações, de modo amplo, para os novos rumos da vida.

A tremenda convulsão de 19 anos atrás abalou por toda parte os fundamentos sociais; cumprometeu a estrutura das nações; desorientou a evolução dos povos; originou inexoráveis necessidades orgânicas, só sentidas nos períodos afastados da organização humana, que o cataclisma sacudiu e desequilibrou.

Mergulhou o mundo na amargura e na confusão. Tem-se a impressão de que o que angustia a humanidade é a necessidade de recomeçar. Procurar novas formulas políticas; descobrir novos preceitos sociais; obter novos canones economicos e, até — estamos a vêr em certas licenciocidades para as quais a disciplina coletiva faz vista grossa — conceber novos principios morais, para impedir o desaterramento, de sob os seculos que se foram, de libérrimas desenvolturas da decadencia romana e helenica, que incitam por aí o sensualismo das multidões.

Recomeçar, enfim, a Vida...

O que há, pois, parece-nos, é a necessidade de opôr á desordem social a educação do povo, no conceito de Sarmiento, atualizado pela dura realidade universal.

Mas, como resolver esse problema vital para os Estados traumatizados por estranhos e alarmantes disturbios, que lhes enfraquecem a compleição e desorientam os homens que os dirigem, sem o concurso de professores capazes de realizar obra de tão vastas proporções? E como obter professores aptos, sem matrizes adequadas, onde eles se formem, de animo disposto, de inteligencia iluminada e de espirito bem provido, para a tarefa ingente de tonificar a confiança dos povos em si mesmos?

Os povos que mantêm a *liderança* do pensamento moderno, compreenderam perfeitamente essa imposição das novas condições da existencia e, entre eles, com mais nítida visão, o Japão e a Argentina. O primeiro, com uma população de 63.000.000, pós a reerguer o entusiasmo das camadas populares, para a luta e para a vida, nas escolas elementares, cerca de 200.000 professores, seguindo-se-lhe a Argentina, com proporção equivalente.

Em outros países, notadamente na Italia, na Espanha, nos Estados Unidos e até na erudita Alemanha, a preocupa-

ção principal dos administradores e dos pensadores é que o saber e a cultura se estendam a todos, para que todos tenham a noção precisa das responsabilidades da hora presente e bem profundo o sentimento da solidariedade que faz os fortes e os vencedores.

O ideal dos povos, com excepção dos periodicos momentos de alucinação que assaltam os caminheiros que palmiham veredas desconhecidas, deixou de ser o imperialismo comercial e industrial e a egolatria das instituições politicas fundadas na Força, para ser a religião da aprendizagem para uma vida que procura aproximar-se, tanto quanto permite o egoismo absorvente do qual ainda não nos libertamos, da dos pastores da velha Grecia.

Como todos eles, o Brasil está na orbita dessa tendencia. Tem necessidade de professores. Mas, de professores que saibam distinguir a sabedoria dos sistemas educativos, a utilidade dos métodos de ensino, a intelligencia dos programas, que deixaram de ser rígidos e imperativos, para se tornarem condicionais e complacentes, e a propriedade das disciplinas.

Necessidade, por conseguinte, da organização do ensino normal; da fundação de escolas onde se pratique uma pedagogia brasileira, isto é, uma pedagogia que, abeberada nos ensinamentos e na experiencia dos povos que nos precederam no assunto, tenha o instinto das nossas necessidades, das grandezas do nosso organismo, das possibilidades do nosso futuro.

Organizar o ensino normal, para crear os colaboradores da civilização americana, que se esboça na sofreguidão pela marcha e pelas alturas, das gentes do Continente.

A escola e o progresso

Justiceiro foi o Governo do Estado, instituindo o 30 de outubro como o "dia da professora".

Justificando esse decreto o nosso venerando presidente Olegario Maciel e o mui digno Secretario da Educação e Saude Publica, dr. Noraldino Lima consideraram "que é dever do Estado reconhecer e proclamar o esforço e o trabalho dos que se consagram a causa publica; que ninguém mais do que a professora primaria tem direito ao reconhecimento coletivo, pela sua colaboração na obra de elevação mental e aprimoramento moral da sociedade."

Foi escolhido esse dia, pelo fato de nessa data, o benemerito governo do dr. João Pinheiro criar, em Minas, Belo-Horizonte, o 1.º grupo escolar sob a denominação de "Barão do Rio Branco".

A fundação desse estabelecimento de ensino marcou, uma nova era de renovação do ensino primario no nosso Estado, que, para felicidade do povo mineiro, tem tido presidentes zelosos da educação das crianças.

Entre esses, salientam-se aquelle, o actual e os drs. Mello Vianna e Antonio Carlos, em cujo governo a visãocriadora do dr. Francisco Campos elaborou essa portentosa reforma, já com patentes e seguros resultados alcançados sob a elevada orientação do dr. Mario Casasanta, e actualmente, continuada e ampliada pelo dr. Noraldino Lima, que com o professor Guerin Casasanta, têm sido incansáveis em beneficiar o ensino em nosso Estado.

Ao professorado mineiro cabe uma grande parte do exito da reforma Francisco Campos, porque, é ella — a professora mineira, que, nos lugarejos ou nos mais afastados e incognitos rincões, desempenhando a espinhosa e ardua mas elevada missão de plasmar almas, guiar espiritos, fortalecendo naturezas, — cimenta assim os verdadeiros e estaveis alicerces onde devem se assentar os fundamentos da grandeza, solidez e extensão da educação do nosso povo.

O professorado mineiro surpreendeu o governo com a sua pronta contribuição de trabalho e dedicação na consecução da pratica dos principios da Escola Nova.

Mas, essa contribuição não deve cessar nem esmorecer: cumpre incitá-la, aumentando-a e elevando-a afim de que se não apague, no espirito das professoras, essa chama de entusiasmo, que tem sido, juntamente com o seu vivo patriotismo, — a razão de ser da eficiencia do ensino em Minas, e do contingente de progresso que o nosso Estado empresta á Federação brasileira.

O professorado não pode e nem deve ficar estacionario na arremetida a que se propôs: seria, de novo, a rotina que tudo apodrece, desinteressa e tudo anula.

Ha urgente necessidade de o professorado, que tem o encargo de preparar as crianças para a vida moderna em constante transformação, continuar nas novas diretrizes do ensino, aumentando sempre a sua cultura profissional, visto como o mundo actual não é o mesmo das eras de antanho, em que a humanidade se compunha de senhores e criados, e que a maior parte dos homens vivia sonhando fidalguias

e um idealismo doentio no doce-farriente de uma vida chamada feliz, em que só o proletariado trabalhava.

Os tempos são outros. Outros são os fins a que se propõem as escolas normais, que, de simples institutos de preparatórios, transformaram-se, com a reforma Francisco Campos, em verdadeiros laboratórios de experimentações pedagógicas e casas de educação, onde as moças mineiras, ao par de uma mais sólida educação preparatoria, recebem de todos os professores a pratica metodologica das matérias, beneficiando-se, ao mesmo tempo, do influxo da educação moral e social, em cujo ambiente devem transcorrer não só as aulas, mas tambem todos os trabalhos escolares, enfim, toda a vida escolar.

E assim, nesse ambiente de afeição mutua, de trabalho e cooperação é que vamos caldear, formar, fortalecer e destorvar o espirito da moça mineira.

Formando a personalidade da futura mulher mineira, estamos preparando o lar, a escola e a sociedade futura, na qual preponderante vai ser a atuação benéfica da mulher instruída, educada e fortalecida pela nossa religião, na faina altamente bela, patriótica e humanitaria de educar o filho, o aluno ou esposo.

Os fundamentos da Escola Nova repousam no conhecimento e na pratica dos principios auridos da biologia, sociologia, pedagogia e psicologia experimental da criança — unica base da educação bio-social.

Assim, no seculo vinte, no seculo da electricidade, do radio, do aeroplano e da criança, como acertadamente chamou a grande educadora Elen Key, mas principalmente nesta época historica para Minas e para o Brasil, em que novos horizontes se abrem, e outras são as cogitações dos governos, que já alem mais as justas e insistentes aspirações e necessidades do povo — agora, com mais forte razão, devemos aumentar, cada vez mais, nossa cultura profissional com leituras constantes e estudos perseverantes de obras pedagogicas modernas, afim de, congregando os nossos esforços, — darmos ao ensino maior eficiencia.

O professorado necessita receber mais apoio e conforto do Estado para levar a instrução e a educação aos habitantes montanheseis.

O professorado necessita receber mais apoio e conforto da parte do governo e do povo, mas tambem deve collocar-se na altura de elevada missão, pelo seu preparo, pela sua educação social e pela concepção vitalista e humana que de-

ve ter dos alunos, afim de ser uma verdadeira educadora util á familia e á sociedade.

"A professora deve estudar seus alunos, como aconselha Rousseau, porque sem duvida não os conhece bem".

Assim como o psiquiatra moderno tem necessidade de bem conhecer, além da anatomia, fisiologia e psicologia, — as ciencias juridico-sociais; e o jurista, além das ciencias juridico-sociais deve conhecer tambem — a fisiologia e a criança psiquiatrica; o farmaceutico — as ciencias fisico-quimicas, biologicas e naturais; o engenheiro, — as matematicas, além de muitas outras ciencias; assim tambem, e com mais forte razão, a professora deve conhecer a pedagogia, rudimentos de biologia e psicologia infantil que tem tomado tão grande impulso e chegado a tão concludentes realizações a respeito da criança, que já se pode medir a intelligencia, a atenção, a memoria, a estafa e até quasi os sentimentos.

Claparède, Binet, Simon e muitos outros avançaaram tanto nesses estudos, que se não pode, na era moderna em que vivemos, admitir que uma professora ou mesmo um pai desconheça a razão de ser da necessidade de conhecimentos rudimentares de biologia e psicologia, que são as ciencias onde repousam os maiores e quasi unicos aliceres da pedagogia moderna.

São elas que nos ensinam a tratar a criança com amor, a respeitar sua personalidade, da espontaneidade aos seus trabalhos, desenvolver a iniciativa, canalizar e desenvolver as suas boas inclinações e aptidões e anular as más tendencias.

São elas, enfim, que fornecem os processos modernos de ensinar.

A professora deve ter entusiasmo pela profissão, sem o que suas lições serão desprovidas de interesse, de vida e de resultados.

Deve fazer transparecer em suas palavras, em seus gastos, em suas ações, — provas da necessidade de amar a patria, bem servi-la e engrandecê-la.

Deve habilitar os alunos ao trabalho que tudo realiza, tudo vivifica, porque é a razão de ser da vida, e a unica fonte de felicidade.

Deve, principalmente, formar nos alunos a capacidade de adquirirem habitos de atenção, disciplina, vontade, energia e de higiene. Tarefa ingente a da professora mineira, que deve repartir sua atividade entre sua familia,

muitas vezes numerosa, e sua escola também cheia de dezenas de crianças vindas de todos os meios sociais, de todas as classes, com suas taras mesológicas e ancestrais!

De toda consideração é digna a professora.

Menos resistente, fisicamente, do que o homem, ela tem, muitas vezes, o pesado encargo de uma família numerosa, cuja manutenção lhe traz desconforto, sofrimentos e desnutrição por rudes trabalhos, noites mal dormidas e dedicadas ao sublime e santo mistério de dar vida àqueles que na meiguice única lhe chamam de "mamãe".

Assunto de suma importância para a professora, é pensar sempre em sua preciosa saúde abalada pelos trabalhos e dificuldades da vida.

Aponto quatro providências, de urgente necessidade, a serem tomadas pelo professorado:

- Associação de classe;
- higiene da nutrição;
- higiene de repouso;
- e seguro de vida na Previdência.

Agora que temos já organizada, em Belo-Horizonte, a Associação dos Professores Primários, devem as professoras se precaver das incertezas da vida, inscrevendo-se nessa associação, que visa defender direitos dos sócios e conceder pecúlios.

— Por higiene da nutrição entende-se um regime alimentar adequado a quem tenha o pesado encargo de educar, diariamente, 30, 40, 60 e, às vezes, 100 crianças, como acontece em escolas rurais.

Aconselho às professoras a leitura do precioso livro "Remédio para a Vida Moderna", do professor Vachet, que recomenda o salutar hábito seguido em países civilizados, de ser feita a primeira refeição da manhã com alimentos bastante nutritivos; isso é plenamente justificado, porquanto passa-se a noite toda sem se alimentar.

Fazendo-se essa refeição com leite, ovos, cremes, café, pão ou biscoitos com manteiga, ter-se-á um número suficiente de calorías e um significativo valor nutritivo capaz de produzir a energia necessária à professora durante as horas de trabalho, mantendo sua saúde.

Precisamos, urgentemente, modificar nossos hábitos alimentares.

Temos provas suficientes para assim agir; e depois, essa questão de nutrição, atualmente, é dominante no mundo inteiro, quer se refira à criança ou ao adulto.

Como poderá trabalhar bem uma professora durante quatro horas, e que energia vital terá com uma simples xícara de café, como se faz, comumente, em nosso país?

Os casos comuníssimos de cansaço, deapauramento orgânico, surmenage, irritabilidade nervosa, dores de cabeça, insônias, etc., são muito frequentes entre as professoras, na alimentação, no repouso e no trabalho.

E depois, juntam-se a isso os trabalhos e deveres do lar, a diminuta resistência física da mulher e outros fatores dignos de serem meditados.

Assim, a primeira refeição com os alimentos acima referidos, ou composta de mingau de maizena, de aveia, ou de vitamina, frutas, mel com pão ou com frutas, — seria ótima prática que as professoras deveriam seguir juntamente ao "repouso quotidiano pelo relaxamento muscular" e "esvasiamento mental", como aconselha Vachet.

Essa questão de alimentação, nutrição e repouso, é de alta relevância para as professoras, crianças e pais, devendo ser tomado na devida consideração, por ser uma questão vital e de capital importância para todos, pois, "primo vivere, deinde filosofare".

Quanto ao seguro de vida, tão grandes são as suas vantagens e tão fácil é o seu custeio, que desnecessário se torna encarecê-lo.

E parodiando Amicis, o primoroso escritor italiano, quero dizer aos meus filhos, às crianças e aos moços que me ouvem:

"Respeitai e amai vossa mestra, meus filhos. Amai-a porque vossos pais a amam e respeitam: amai-a porque ela consagra a vida ao bem de tantas crianças que a esquecem; porque vos abre e ilumina a inteligência e vos educa o coração; amai-a, enfim, porque um dia, quando fôrdes homem, e quando nem eu, vossa mãe, nem ela, fôrmos mais deste mundo, a sua imagem se vos apresentará muitas vezes, à memória, ao lado da nossa; e então, a expressão de dó e de cansaço daquela boa fisionomia de senhora honrada, que mal compreendesteis agora, acudir-vos-á à memória e causar-vos-á pena; trinta anos depois tereis vergonha e grande tristeza de não a haverdes estimado como o merecia, e de terdes portado mal com ela.

Amái vossa mestra, porque pertence àquela grande família de milhares de professoras elementares, espalhadas pelo nosso país, que são como as mães intelectuais de milhões de crianças, que crescem convosco; são elas, trabalha-

dôras mal compreendidas e mal recompensadas, que prepararam para o nosso país uma geração melhor do que a presente. Eu não fico contente com o amor que tendes por mim, se não tendes para todos aqueles que vos fazem bem; e entre estes a primeira é vossa mestra, e depois os vossos.

Amái-a como amariéis um meu irmão; amái-a quando vos acariça, ou quando vos reprende, quando é justa, ou quando vos parece que é injusta; amái-a quando ela estiver alegre e afavel, e amái-a mais quando a virdes triste. Amái-a sempre.

E pronunciai sempre com reverencia este nome — Mestra — que, depois dos de vossos pais, é o mais nobre e o mais doce dos nomes que possa uma pessoa dar a outra pessoa.

SALVADOR PIRES PONTES,
assistente técnico da 4.ª circunscrição.

O ensino de trabalhos manuais

A escola nova encara a atividade mental e a corporal, como duas expressões do mesmo dinamismo psíquico; duas forças que se conjugam e se completam, na formação da personalidade humana. Daí, a necessidade do consórcio dessas mesmas forças, como um imperativo categorico da educação.

Na concomitancia, pois, das duas atividades assenta um dos princípios fundamentais da escola moderna, de acôrdo aliás com as leis da psicologia infantil.

Nihil novi sub sole. Essa doutrina já era um postulado da velha pedagogia. Locke, ha tres séculos, e Rosseau, ha cerca de 200 anos, proclamaram a necessidade dos trabalhos manuais na educação da infancia.

Jules Ferry, no século passado, dizia: "Quando os instrumentos de trabalhos manuais chegarem a conquistar, nos programas escolares, o mesmo lugar de honra, conferido ao compasso e ás cartas geograficas, e constituirem objeto de um ensino racional e sistematico, muitos prejuizos sociais desaparecerão: a tranquillidade social preparar-se-á nos bancos da escola primaria, e a concordia iluminará o futuro da sociedade franceza".

Descontado, aqui, o natural exagero, proprio de cada idealismo, fica em relevo a orientação que convém seguir-se em todos os departamentos da educação.

Buisson, referindo-se aos trabalhos manuais das classes femininas, quereria que, "sem desprezo pelos trabalhos finos, se desse o primeiro lugar aos comuns, simples, usuais e praticos, isto é, aos que se possam inscrever, no quadro das necessidades ordinaria do lar".

O que se denomina, diz êle, *costura domestica* é que ha de constituir, preferencialmente, a costura da escola primaria".

A escola tradicional mineira inscrevera já essa especialidade, na lista das unidades didaticas de seus programas. E a escola ativa, que ora se vai praticando em o nosso Estado e sob os auspícios mais promissorios, harmoniza-se, de modo pleno, com essa pedagogia. Está, pois, a realizar-se universalmente, o sonho do estadista francez.

Tal beneficio, porém, não abrange ainda a todos os nossos estabelecimentos de ensino. Deixo, aqui, nestas linhas, os meus melhores votos, para que isso se dê, no mais curto prazo, de acôrdo aliás, com o pensamento da Inspetoria Geral da Instrução.

A realização desse ideal anda já adiantada nas escolas e grupos da 17.ª circunscrição: Tiradentes, São João del-Rei, Prados e Rezendê Costa, e com vivo contentamento dos pais de familia, da criança e das professoras.

Documentação. Uma conferencia se dava, sobre o assunto, entre mim e uma professora de escola isolada de São João del-Rei, na respectiva sala escolar, em dia feriado. A êla assistia, mudo, mas atento e de olhos acesos, um campoino de meia idade. A certa altura da palestra, o nosso homem, apanhando uma brecha, interveiu, para dizer, todo satisfeito, que a leitura (sic) que uma sua filha levára da escola, pouco estava servindo, mas que a costura, que lá aprendêra, com a referida professora, muito o estava auxiliando, pois a menina, além de fazer toda a roupa da casa, ainda atendia a pedidos de vizinhos.

A revelação do humilde plantador foi uma eloquente demonstração das vantagens que eu, então, procurava encarecer, e serviu como chave de ouro daquêle entendimento.

O grupo escolar de Prados deu bem a nota do agrado com que recebeu a idéa, mandando imprimir em fasciculos o programa oficial de trabalhos e remetendo um exemplar dos mesmos á Inspetoria Geral da Instrução.

R. TAVARES,
assistente técnico regional.

Instrução primaria de Minas

Ninguém, por certo, dotado de uma pequena parcela de bom senso, será capaz de admitir que um Estado como o de Minas, com uma população de cerca de 7 milhões de almas, possa, dentro dos seus próprios recursos, resolver como seria de se desejar, o magno problema da alfabetização das crianças que vivem mergulhadas nas trevas da ignorancia. Na verdade, tomando-se em consideração os indices estatísticos dos estudiosos no assunto, somos levados a crêr que, sendo a população mineira aproximadamente de sete milhões de almas, devem existir entre nós cerca de 1.500.000 crianças em idade escolar que não recebem instrução alguma. Basta este simples cotejo para que se tenha nítida a impressão da responsabilidade que pesa sobre os ombros daqueles que se acham à frente dos destinos do nosso Estado. Felizmente para nós, desde o advento do dinamico e construtor de João Pinheiro, o problema da alfabetização como que tem empolgado a consciencia dos nossos dirigentes, compelindo-os a buscar soluções tendentes a diminuir, tanto quanto possível a grande massa de analfabetos no territorio desta unidade da federação.

Todavia, o problema é por demais complexo, e exigir que o mesmo seja resolvido integralmente pelos nossos dirigentes, seria exigir deles um absurdo. Quem quer que venha acompanhando, com alguma atenção, a atuação dos homens publicos de Minas, neste ultimo quarto de século, acompanhando os dados estatísticos que de quando em quando são dados à estampa, proveniente — uns de fonte oficial, outros de estudiosos no assunto, chega, necessariamente, à conclusão de que aqueles, imbuídos desse espirito patriótico que soe caracterizar os povos fortes e cheios de fés nos destinos da humanidade, estão plenamente compenetrados dos seus deveres para com a coletividade.

Para os homens publicos de Minas, o fim da educação popular deve ser, antes de tudo e acima de tudo, formar homens e não automatados de trabalho, simples braços para a lavoura, para a industria, para os demais interesses da vida humana, emfim. O ensino do alfabeto, como preliminar dessa educação, tem sido, incontestavelmente, a preocupação maxima de quantos, no nosso Estado detêm nas mãos as redeas da governança.

Não se detendo antes as dificuldades de toda ordem que se antepõem à ampliação dos serviços da instrução fun-

damental, os nossos dirigentes buscam simplificar o aparelho do ensino, ao mesmo tempo que cogitam de dilatar o raio de atuação da escola.

E nem se diga que semelhante programa não tenha produzido os frutos desejados.

Si outros resultados apreciaveis não houvessem sido constados em virtude mesmo das sábias providencias levadas a efeito pelos homens publicos de Minas, só o fato das municipalidades se integrarem no assunto bastaria para evidenciar o acerto dessas providencias. O concurso das municipalidades mineiras tem sido sobremodo apreciavel no que diz respeito à modificação do panorama proporcionado pela humilhante massa dos analfabetos no nosso Estado.

Os nossos dirigentes, em face da quota anual das arrecadações municipais em favor do ensino primario, e, por outro lado, em virtude da instituição do fundo escolar, têm conseguido levar a efeito uma série de medidas atinentes a combater, com relativa eficiencia o canero do analfabetismo no territorio mineiro.

Dado o empenho, cada vez mais positivado dos dirigentes mineiros, no sentido da organização cabal e completa do ensino, de modo a abranger todas as classes sociais, estamos convencidos de que, dentro breves anos, bem menor será

LUIZ ERNESTO

assistente técnico.

Planos de aulas

Não é de hoje a preocupação das altas autoridades do Ensino com a preparação de lições. Anos atrás já se praticava a preparação de lições, mas como simples formalidade.

Era uma grossa caderneta com as folhas divididas em três colunas: — *Ponto a tratar* — *Meios intuitivos* — *Observações*.

Como se vê, tinha o seu mérito o plano da Secretaria; ao menos o de exigir do mestre uma defensiva contra as surpresas das aulas improvisadas com problemas de crianças comendo dez laranjas por minuto, com explicações de se sujeito, com caçadas de sujeitos indeterminados . . .

Não tardou muito, porém, as cadernetas desapareceram, desacreditadas, e não voltaram mais, e supomos que a razão principal foi que mui raras vezes as lições dadas coin-

cidiam com os dados registados. Que desapontamento quando em uma aula de ciências, por exemplo, a professora, que havia levado como meio intuitivo uma raiz, precisava de um inseto, levada pela curiosidade da classe!

E' que tomára inesperado rumo a aula, destronada a raiz pelos alunos, cujo interesse elegêra na hora da lição aquela borboleta ricamente paramentada que um dêles vira um dia, sobre uma folha, ou aquêlê serrador insensato que cortou em manhã de puro azul a galhada mais florida da mais promissora jaboticabeira do quintal.

Hoje está em vigor, outra vez, a preparação das lições, que o Regulamento do Ensino prescreve.

No nosso trabalho de assistência ao Ensino, por onde temos andado, semeando humildemente os grãos da reforma, temos nos dedicado com atenção ao assunto.

Puz-me a observar com estudo os cadernos dos professores, á procura de uma fórmula de plano, conseguindo esta em que pôde-se encaixar qualquer lição:

- 1 — *Que vou ensinar?*
- 2 — *Como vou ensinar?*
- 3 — *Com que vou ensinar?*

E' o objêto da lição, é o modo de ensinar, é o meio intuitivo.

O que eu queria era que a professora, ao dar a sua lição, separasse o joio do trigo, a noção útil da inútil, o conhecimento prático do teórico. O que eu queria era que a professora arranjasse um modo de lecionar tal, que o aluno fosse quem trabalhasse.

O que eu queria era que a professora usasse mais coisas que palavras.

Mas a verdade é que o plano ou não prestou ou foi muito difficil, saindo-me um assim em um dos meus grupos:

LEITURA

Que vou ensinar? Leitura.

Como vou ensinar? Mandando lêr.

Com que vou ensinar? Com o livro.

Era prova bem má. Então procurei outro. Este assim:

1 — *Ponto de contâto* — Partir do simples para o composto, do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstrato, em conversa com os alunos, aproveitando velhos conhecimentos, de modo a evitar-se a mastigação das lições pelo professor.

2 — *Ponto central* — Para evitar dispersão de energias, longuissimos vôos, fastidiosas e inúteis dissertações, como, por exemplo, os limites do Japão, os quilômetros de curso do Mississipe. No ponto central haverá o trabalho de adaptação ás necessidades e oportunidades do meio.

3 — *Aplicação* — E' o trabalho, a atividade da classe, trabalho immediato, atividade immediata.

E' o "aprender fazendo" tão natural na vida, mas tão esquecido na escola.

Com este plano obtive belas globalizações, para o que êle é adequadissimo.

Mas as globalizações iam-se tornando cada vez mais artificiais, com uma queixa das professoras: que o programa de ensino não servia para o plano, sendo-lhes necessario não raro ensinar questões estranhas a êle. Já era isto, ao meu vêr, uma virtude.

Quis, porém, atender ás professoras, e descobri outro plano:

- 1 — *Motivação da aula.*
- 2 — *Apresentação da lição do dia, com os meios intuitivos.*
- 3 — *Aplicação, revisão.*

Pela sua facilidade caiu na simpatia geral o plano. Estava vitorioso.

Eu, porém, não estava satisfeito, por muitas razões, entre as quais:

A's vezes a professora faz o plano, mas não prepara as lições.

Um plano que fixa as possibilidades, desprezando os imprevistos, pôde ter todas as virtudes, menos a de ser feito para as crianças, que devem ser as principais interessadas.

Lembrei-lhe então dos projêtos. Mas projêto dá medo, faz pensar em indisciplina, em tempo perdido.

Puz-lhes o nome de problemas de que dou aqui um: — certa pessoa vai abrir um negocio. Que precisa ela fazer? Que providenciar ha de tomar?

Com este problema consegui de uma classe do 2.º ano:

Leitura

Trechos referentes ao comércio, anuncios de jornais..

Aritmética

Problemas sobre o aluguel do cômodo, pagamento de impostos, compra de mercadorias, despesas de instalação.

Geografia

A viagem do negociante a S. Paulo, a procedencia das mercadorias.

História

Os principais estabelecimentos comerciais do lugar.

Higiene

As exigencias do Centro de Saude no preparo do cômodo.

Lingua-Patria

Anuncios, reclames.

Desenho e trabalhos

Taboletas.

Com alegria verifiquei o prazer da professora e das crianças e com alegria vou continuando com os problemas, desconfiando dos "planos-dogmas" que impunha ás professoras, que, agora, em vez de planos, passam para os seus cadernos verdadeiros relatorios de experiencias delas e dos alunos. S. Sebastião do Paraíso.

J. EMYDIO,
assistente técnico.

Arte de ler

ADHERBAL ALVARENGA.

Um dos segredos do saber consiste em bem lêr. Uma leitura feita ás pressas, como uma refeição rapidamente tomada, só pôde ser indigesta, mas nunca assimilada.

O 1.º cuidado é escolher a obra; 2.º, tomar notas. Num caderno apropriado, de muitas folhas e boa encadernação devem compilar-se todas as notas interessantes, os melhores pensamentos, as regras mais sábias, as mais doudas opiniões e as expressões mais elegantes.

Este caderno deve ser um como armario de preciosidade a que se recorre na hora de uma composição, um discurso, uma preleção ou cousa que o valha.

Quis scribit, bis legit. E depois bem relido, ha de ficar bem gravado na memoria pelo menos bôa parte dos trechos selétos que nêle se registram.

A leitura bem pausada, ritmada, bem entonada, com as inflexões de voz exigidas pela pontuação, não está ao alcance de muita gente instruida. Além das regras já bem conhecidas, saliento a vantagem de destacar o sujeito, de abaxiar a voz nos parentesis e circunstancias adverbias, de unir bem ás qualificadas as palavras qualificantes, de dizer os *aa do d* craseado, de tomar fôlego maior ao ponto final, de variar o interlocutor, de pronunciar forte e destacadamente cada uma das silabas, e de parar longo tempo antes de mudar de trecho ou assunto.

Conta-se que em Paris fundára-se uma vez, uma aula de leitura, para pessoas de média cultura. Chegou a ser aceita até de pessoas cultas, matriculando-se como aluno um bacharel.

Chamou-o a lér o professor, indicando naquêle dia a fábula do Caniço e o Carvalho.

O Carvalho um dia disse ao Caniço, começou êle. Não, interpelou o mestre, isto não é saber lér. Pois eu nunca vi carvalho um dia.

E' que o doutor não separou a circunstancia adverbial. Outra preocupação além de tomar notas, é lér com muita atenção, é o de sublinhar ou marcar os trechos melhores do livro.

... Não ha como madrugar para se lér. Ruy Barbosa dizia: Meus triunfos da vida, devo-os ás minhas madrugadas.

Não menor cuidado deve assistir sempre ao ledor: o de não lér toda obra que lhe cá á mão.

Não lér ás vezes é mais util do que lér. Os romances frivolos, as doutrinas exóticas e originais, os autores que se não recomendem pela correição da fôrma, pureza de linguagem e elevação de sentimentos, devem ser banidos de nossas estantes.

Para dar termo á explanação de minhas idéas sugiro alguns nomes: Ruy Barbosa, Coelho Netto, Euclides da Cunha, Frei Luiz de Souza, D. Silverio, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, Castello Branco, Bernardes, Vieira, Olavo Bilac e Manoel do Bomfim.

Eis que em traços rapidos tenho a ventura de dizer o que penso da bôa leitura.

TRADUÇÕES

"O romance da exploração"—Projéto escolar—Hozer M. Barker

(Traduzido da Revista "THE NEW ERA", de fevereiro de 1933.)

A atividade O ROMANCE DA EXPLORAÇÃO foi executada durante o ano letivo pelas classes adiantadas do 5.º e 6.º graus, da GRANT SCHOOL, PASADENA, CALIFORNIA.

Havia 25 alunos na classe, e suas idades variavam entre 9 e 11 anos, com Q. I. de 125 para mais. Tais crianças provinham de lares cultos e muitas delas frequentavam os melhores círculos sociais. Reuniram-se os alunos afim de formar uma associação na qual pudessem adquirir desenvolvimento físico, mental, afetivo, educativo e social.

A ESCOLHA DE UM PROJÉTO

No primeiro dia de escola, um grupo de crianças felizes se reunia na classe, trocando cumprimentos e indagando:

— "Qual será o nosso trabalho este ano? — "Etudemos as formigas", dizia S", pois tenho um livro novo que traz coisas interessantes a respeito das formigas".

— "Mas que valor terá para nós esse estudo?" — replicou toda a classe.

Essa conversa induziu as crianças á escolha de um objetivo:

1.º — O principal objetivo será interessarmo-nos no que diz respeito a muitos povos.

2.º — Esse objetivo hade nos conduzir ao estudo das diversas partes do mundo.

3.º — Hade nos auxiliar na aprendizagem da historia do passado.

4.º — Deverá fornecer-nos material abundante.

5.º — Hade fornecer-nos á observação muita coisa já feita e outras por fazer.

Seguiu-se acalorada discussão, até que a classe escolheu como terna — EXPLORAÇÕES, por causa da publicidade, nos jornais, da partida do General Byrd para o oceano Antártico, e das pesquisas feitas por exploradores perdidos no oceano Artico.

Essa publicidade motivou o estudo dessas duas regiões, tornando-se o ponto de partida do projeto. A biblioteca lhes forneceria material muito interessante, e uma excursão ao Muséu para ver as reliquias das explorações, bem como a exposição da cultura dos esquimãos, dava-lhes um excelente plano de estudos.

Quando o General Byrd veiu a PASADENA, trazendo seus desenhos animados, a classe o ouviu muito interessanda e viu na tela as coisas que já lhe eram familiares pelas leituras feitas. Versos, historias, hinos e jogos foram preparados e distribuidos á classe. Cada criança lia a composição de sua propria escolha, concernente ao projeto, dando explicação daquilo aos outros membros do grupo.

O estudo do primeiro semestre versou sobre os Vikings por serem os primeiros exploradores do oceano Artico, levantando-se depois a questão:

"Quem primeiro fez exploração e porque?" Seguiu-se animada discussão, da qual resultou o plano de oscilação do trabalho anual da classe.

"Queremos estudar as migrações humanas e a exploração das terras desde o começo do povoamento do mundo até os nossos dias", e isto ficou decidido.

Começaram a tarefa, resolvendo a questão: "Quais foram os primeiros descobridores e quantas terras descobrimos?" Cada aluno estudava sózinho, anotando as pesquisas feitas. Havia periodos marcados para discussões em que cada um relatava o que havia aprendido, de modo que isto provocava apartes, perguntas e explicações, seguindo-se a proposta de planos para novas atividades.

Em uma discussão, no mês de novembro, um menino disse: "Deixe-nos dar um espetáculo para representarmos uma historia de exploração". A proposta foi aceita entusiasmamente.

PREPARANDO UM ESPETACULO

Fizeram planos e escolheram as condições para escreverem as dramatizações.

Depois começaram a fazer os apetrechos: cenarios e vestimentas. Iam representar os habitantes das matas tropi-

cais; arranjariam fétus gigantes, plantas folhudas, palmas e bambús e pintariam flores de variados matizes. Os mecânicos fizeram uma carcassa e cortaram papel crepon em tiras, grudaram umas ás outras e cobriram a carcassa, que foi posta a um canto do palco. Esboçavam os cenários primeiramente com giz e, quando o plano estava conhecido por todos, começavam a pintar; restava, porém, fazer os adereços. Fizeram de trapos um animal selvagem e, de cambráia vermelha, imitação de pedaços de carne. Fabricaram clavas e machados de pedra; construíram uma escada de arvores para os índios treparem; as vestimentas foram feitas de sacos e guardanets de pêles.

Estenderam uma corda comprida com luz vermelha e amarela para imitar o fogo. Nesta atividade, — C — um menino, que nunca havia demonstrado iniciativa, aprendeu a ser mais independente; e foi assim que surgiu mais uma personalidade em crescimento com a resultante da responsabilidade. Tal e qual aprenderam, assim retrataram os fatos da história. Como a iluminação não era suficiente, pensaram em colocar dois refletores e alguns abat-jours.

Uma comissão foi encarregada de saber o custo do material. Essa comissão mediu os contornos do palco e os do recinto da platéa, que precisavam ser iluminados. A comissão verificou serem precisos: 15 metros e 25 cms. de fios para os refletores e 9 metros e 15 cms. para os pendentés. Hias lampadas de 150 velas para os projetores, dois faróis para refletores, duas arandélas e dois reguladores. Erám precisas também 20 lampadas de 40 velas, 20 arandélas, abat-jour para um refletor e um isolador; outro fio mais extenso e um globo luminoso para cada bastidor; mais fios com tres lampadas coloridas (lampadas de mercúrio), perfazendo ao todo mais 10 metros, 68 cms. de fios. Depois de tudo medido e combinado, a comissão deu uma volta pela cidade afim de obter tudo por preços módicos, voltando depois para mostrar á classe que as compras importariam em 7 dolares e 43 cents. Considerando que esse equipamento se tornaria permanente, poderia ser utilizado em outras representações, ficou resolvido se pagassem as compras com dinheiro da tesouraria da classe.

Os pendentés e os arames expostos foram examinados pela Escola de Electricidade e condenados, tendo a mesma Escola fornecido o material necessario para reconstruí-los; as crianças resolveram consultar um electricista antes de haver qualquer acidente desagradavel durante o arranjo da luz. Foi tal o interesse provocado, que todos os alunos resolveram

ir ver o stock de material elétrico de uma casa de mais coacito.

D — um rapaz, sempre elogiado pelo professor em detrimento dos colegas, era um dos membros dessa comissão, e tal foi a sua operosidade, esquecido de seu orgulho, que conseguiu a amizade dos colegas, elevando-se no sentimento de fraternidade e na liderança almejada.

A distribuição de papéis mostrou positivamente um crescimento de personalidade. W — entrou na GRANT SCHOOL no início do 6.º gráu, e odiava a escola devido aos seus constantes insucessos; logo, porém, que chegou, perguntou se podia desenhar o que quisesse, fazendo esse pedido, certo de que daria conta do trabalho. Durante a primeira semana, não só desenhou como também foi o vigilante dos colegas.

Ele começou a desfolhar os livros da biblioteca infantil, entrou livremente nas discussões; entretanto, não pretendia sobressair-se entre os demais colegas; até ao dia em que começaram os espetáculos, ele ainda sentia dificuldades de associação. W — era o melhor ator da classe e aparecia-lhe o primeiro desejo de contribuir com alguma coisa para o engrandecimento dela; começou, então, a amar a escola pela primeira vez na vida. Compartilhou na feitura de apetrechos e vestimentas, e nas pesquisas, ele fez mais do que o que lhe fôra dado como obrigação.

COMPENDO MUSICAS PARA AS DRAMATIZAÇÕES

A composição musical torna-se uma importante maneira de mostrarem a vocação. Uma dessas cenas representava um navio fenício deslizando por sobre o mar sereno; os marinheiros remavam, cantando ao ritmo de um trabalho. Outra cena era a representação dos exploradores grãos dirigindo-se ao Oraculo de Delphus para pedirem conselhos acerca de uma viagem: os sacerdotes entoaram uma oração á Apólo, letra e musica escritas pela classe. Em chegando os excursionistas, o famoso explorador Pólos aproximou-se; foi, então, que a côrte de Kublai Kan fez retumbar sua voz argentina. Ela se compunha de pequenos musicos escolhidos, vestidos á moda oriental. Tais vestes eram feitas e tingidas pelos proprios alunos. Escreveram hinos, compuseram as musicas e fabricaram os instrumentos.

EFEITOS SOBRE O CURRICULO E O CARATER

Angariaram valiosos cabedais para as atividades do curriculum, mórmente em geografia e historia. A linguagem

desenvolveu-se com os exercícios de dramatização, relatórios de pesquisas, versos e jogos. Resumiram alguns estudos de explorações e compuseram trabalhos originais; escreveram cartas pedindo informações; habituaram-se ao uso do dicionário e promoveram meios de aprender a boa dição. Era abundante a literatura em todos os períodos da história com referência ao projeto; muita coisa era lida para o grupo, enquanto alguns apreciavam a leitura individual. A música era também elemento vital. Além do auxílio que recebiam do maestro do departamento, pediam explicações a outros profissionais.

Em um sábado, veio auxiliar a classe a pintar um cenário certo pintor profissional; então, os alunos coletaram as merendas e fizeram um pique-nique.

Depois fixaram o papel na parede da garage, e, à medida que iam pintando, o artista ia criticando, corrigindo e apresentando sugestões. Esses ensinamentos foram mais tarde aplicados por meninos e meninas em pinturas, que fizeram, de outros cenários. Eles chegaram a pintar oito cenas, algumas das quais serviram para ornar as paredes da sala de aulas. Trabalharam com tinta, crayon e aquarela. O estudo de aritmética lucrou muito com o reconhecimento das distâncias pela latitude e longitude, medidas para iluminação, custos de materiais: vestes, apetrechos, material elétrico, etc.

Tests padronados mostraram que um apreciável desenvolvimento foi efetuado em todas as disciplinas que acabamos de enumerar; mas, os mais surpreendentes resultados foram os do crescimento da personalidade.

Paraiso, 25/5/1933. — LUIZ DUCCA.

NOTICIARIO

As reuniões dos assistentes técnicos do ensino

Discursos de saudação do sr. Abel Fagundes — Palestra do sr. Noraldino Lima e do professor Guerino Casasanta — Outras notas.

Consoante temos noticiado, o dr. Noraldino Lima, secretário da Educação e Saúde Pública, deliberou reunir, nesta Capital, todos os assistentes técnicos do

Estado, para que, em conjunto, sejam examinados diversos assuntos relativos ao desenvolvimento e execução do atual plano educacional.

Ontem, no gabinete do Sr. Secretário da Educação e Saúde Pública, realizou-se, das 15 às 18 horas, a reunião inaugural, que, presidida pelo titular dessa pasta, decorreu em ambiente de franca cordialidade.

Além do dr. Noraldino Lima e do professor Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução, achavam-se presentes o sr. Claudionor Lopes, diretor da instrução; dr. Levindo Lambert, chefe de gabinete do professor Guerino Casasanta; Delfim Moura, pelo "Minas-Gerais", e os seguintes assistentes técnicos:

Srs. Oscar Guimarães, Aimoré Dutra, Ernesto de Mello Brandão, Abel Fagundes, José Madureira de Oliveira, Juscelino Theodoro de Aguiar Junior, Luiz de Padua, José de Lima, Otílio Gonçalves, José Maximino de Miranda, Salvador Pires Novaes, Raphael Grisi, Adherbal Alvarenga, Ramos Cesar, Anibal Mattos, Emanuel Brandão Fontes, Raymundo Tavares, Raul de Almeida Costa, Alcides Xavier Gouveia, Custódio Leite de Salles, João Rezende da Costa, Luiz Cerqueira, José Raymundo Netto, Jason de Moraes, Manoel Penna, Olyntho Pereira da Silva, José Paradas, Julio de Oliveira, e sras. Leonilda Montandon, Benedicta Mello, Diva de Carvalho Faria, Irene Silveira, Leticia Chaves, Helena Penna, Zembla Soares de Sá, Maria Lui-

za de Almeida Cunha e Zelia Rabello.

DISCURSO DO SR. ABEL FAGUNDES

Ao início da reunião, o sr. Abel Fagundes, interpretando os sentimentos de seus companheiros, dirigiu as seguintes palavras de saudação ao dr. Noraldino Lima: "Ordenaram-me alguns dos meus colegas, e confirmaram outros a ordem que eu recebesse e agradecesse a palavra de animação que do Governor nos vem, neste momento, por intermédio de v. excia.

De animação, senhor Secretário, porque afinal v. excia. nos chama para nos conhecer e se fazer de nós conhecido, para nos orientar e nos estimular, para conhecer a nossa obra, por analisá-la mudamente, para melhorá-la, coordenando-a e imprimindo-lhe ao movimento identidade de ritmo.

Para esta assembléa, excia., viamos de coração aberto, porquanto viamos para a reunião da família sob a direção de seu chefe.

V. excia. há de, pois, permitir que este momento seja de confidências sinceras porque sinceridade e franqueza devem ser atributos inerentes à palavra do professor.

Quero, assim sendo, bosquejar para v. excia. qual tem sido a atividade dos assistentes técnicos.

Em 1929 saíam desta Capital 19 assistentes técnicos, escolhidos através de concurso efetuado sob

a presidência do dr. Mario Casasanta.

O chefe, que escolhera os seus homens, lhes soubera plasmar o espirito e orientar a atividade no sentido de remodelar inteiramente o nosso vetusto e ineficiente aparelhamento escolar. Em 1930, s. excia. nos chamava de novo, para saber o que fizemos, e punha no nosso lado os antigos funcionarios da inspecção, para que nós lhes transfundissemos o nosso ardor moço, e eles os liberalizassem a experiencia acumulada através do tempo.

No mesmo ano, a Escola de Aperfeiçoamento recambiava no interior do Estado os primeiros operarios da reforma, que de todos os pontos recolhera.

E então, desdobrou-se, corajosa, continua e incansável, a obra de assistência técnica, já realizada pelos regionais, já desenvolvida pela ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento.

E essa obra não se isolava dentro das paredes dos educandários nem nas linhas geográficas delimitadoras das circunscrições literárias, porque, senhor Secretário, havia um desajuntamento comum para todos os anseios, todas as angustias e todas as vitórias dos técnicos do ensino: era o coração imenso de Mario Casasanta, então inspetor geral.

Sobrevieram, porém, as agitações políticas, cujo epilogo foi a revolução brasileira. Alterada de todo em todo a vida nacional, de cujo gravíssimo estado só então se pôde ter idéa exata, os orçamentos do nosso Estado tiveram

de restringir o volume das parcelas destinadas ao custeio da educação publica.

Perdemos, durante algum tempo, por completo, o contacto com o governo, que apenas passou a controlar a nossa obra de técnicos, através de um aparelhamento mecanico, que a analisava como se fôra apenas um jogo de cifras com que os assistentes técnicos estivessem fazendo a escrituração comercial do ensino.

Tivemos, então, de lutar contra tudo.

Contra um professorado desanimado que perdera a conciencia de si mesmo, e só a custo se tornava acessível aos accesos comovidos de nossas exortações contra o obscurantismo do povo que se não capacilara da anquilose enorme que ganhara todos os órgãos do organismo educacional.

E o que é mais, senhor Secretário, tivemos as nossas grandes tragedias intimas, tivemos desfalecimentos anuladores, fomos preza de completo desanimo, e tivemos de combater conosco mesmos.

E combatemos, excia.; combatemos, porque não eramos e não somos um grupo de mercenários que, falidos em outras profissões, viessem buscar nesta apenas o sustento. Eramos e somos um grupo de idealistas que teve alheado de si mesmos o pensamento para pô-lo nesta grande e infelicissima patria brasileira. Eramos e somos idealistas, porque, apesar de todos os martirios que temos padecido, nós vivemos

no meio das crianças que são o jardim encantado da esperanza.

Ficámos idealistas, porque as crianças das escolas que visitávamos nos recebiam entre risos e nos despediam sob lagrimas, e o orvalho sagrado dessas magnificas alvoradas humanas regava a sementeira do nosso idealismo...

V. excia. veiu dirigir esta pasta no momento mais critico por que ela passava. Do mesmo passo que se formára antes uma mentalidade pedagogica, cheia de naturais exigencias, postada á porta da escola e disposta a defender-lhe a todo transe os direitos e interesses, o governo era forçado a se preocupar com outros departamentos da administração, que exigiam atenção mais pronta.

E' que v. excia., em breve coadjuvado pelo prof. Guerino Casasanta, começou a se mostrar interessado devêras pela nossa causa, movendo-se a custo na teia de dificuldades em que o enleára o momento nacional.

E surgiu a reforma de maio de 32, em que v. excia. melhorava a situação de varios funcionarios, remodelava a legislação escolar, tendo em vista os conselhos da experiencia, e criava, nesta Secretaria, o Corpo Técnico, sob a intelligente direção de Mauricio Murgel, destinado a acompanhar, orientar, estimular e divulgar as conquistas da reforma.

V. excia., por um lado, o sr. Inspetor Geral por outro, fizeram-se tambem viajantes do ensino, e foram levar a remotas regiões de Minas a palavra de chefes.

Agora v. excia. nos traz a nós para nos conversar e nos conhecer.

Posso assegurar a v. excia., sr. Secretário, que esta hora nos illumina o coração. Porque nós nunca fugimos ao contacto dos chefes, nem nos arreceamos nunca de sua vizinhança e de sua fiscalização.

Pelo contrario, desejámo-las e buscámo-las sempre; chamámo-nos por elas em todos os tons e sob todas as formas, cientes de que nós só poderíamos fazer cousa util quando o governo nos acompanhasse passo a passo a obra, corrigindo-lhe os erros inumeros e aplaudindo-lhe as modestas vitórias.

V. excia. assim nos promete, e assim se fará, estamos certos. Que a administração nos acompanhe a vida funcional sempre e em toda parte; que nos censure e nos elogie; que nos castigue e nos premie, mas, senhor Secretário, que a v. excia. caiba tambem a missão de nos tirar as peias que retardam a caminhada, definindo claramente em lei as nossas atribuições e dando-nos poderes para forçar ao trabalho os desidiosos, de vez que, em todo o magisterio, nós somos, por singularissima exceção, aquêles que só podem pedir, rogar, recomendar, e não podem ordenar nem obrigar. E o momento não é de rogos, excia., o momento é de ordens.

Não podemos contemporizar mais.

Para isso, senhor Secretário, e para tudo mais que se destine a criar a riqueza espiritual de nos-

sa gente, dentro ou fóra da escola, v. excia. nos tem ao seu lado: simplesmente, devotadamente, incondicionalmente.

E que v. excia. perdõe se a confiança foi além do que devia. Eu não me quis servir da palavra para dizer-lhe sentimentos que não vicejam em nossos corações nem pensamentos que não circulam em nossos cerebros.

A nossa saudação cordial a v. excia., sr. dr. Noraldino Lima, e a nossa irrestrita solidariedade em prol da educação de nosso povo.

(Calorosas palmas aplaudiram o discurso do sr. Abel Fagundes, assistente técnico do ensino).

PALESTRA DO DR. NORALDINO LIMA

Logo depois, usou da palavra, sendo constantemente interrompido por aplausos e apiausos, o dr. Noraldino Lima, que, em tom de palestra, discorreu minuciosamente sobre o objetivo das reuniões que então tinham início e abordou, com entusiasmo e erudição, os mais variados aspectos do plano educacional de Minas-Gerais, ora em execução.

Começou o sr. Secretario da Educação e Saude Publica dizendo que, convocando os srs. assistentes técnicos para essas reuniões, teve a preocupação do ensino e desses mesmos altos funcionarios, os punis são homens que admidadeste quando inspetor geral da Instrução, nos longos anos de sua vida de magisterio, pois poud apreciar-lhes o trabalho admiravel e abnegado que exerciam.

Já em 930 teve oportunidade de ver reunidos na mesma sala aquelles que, pela voz do prof. Guerino Casasanta, foram saudá-lo.

Referiu-se, ai, ao inspetor geral da Instrução, que hoje é seu eficiente colaborador e dedicado amigo.

Acentuou o dr. Noraldino Lima que cheia de patriotismo e sacrificio é a atuação dos assistentes técnicos que a todas escolas vão levar a palavra sadia, plena de fé, orientando e instruindo, criticando e preenchendo as lacunas existentes.

A seguir, foi objeto de considerações do dr. Noraldino Lima: a penosa situação financeira em que se debate o Estado e em virtude do que a sua ação tem de limitar-se, reduzir-se.

Assim, o orçamento da sua pasta monta apenas á metade do estipulado pelo seu successor. Mas com boa vontade e muito trabalho, tem conseguido fazer alguma cousa em prol do ensino, assistido, como se acha, pela colaboração dos funcionarios e pelo patriotismo do presidente Olegario Maciel.

Frisou, depois, que esperava ver surgir, das reuniões que se verificavam, resultados benéficos e praticos para a consolidação do plano que se consubstancia na ultima reforma.

Poder-se-á, pois, com isso, estabelecer novas normas, baseadas na experiencia e na realidade, que visem o perfeito funcionamento do mecanimo do ensino, bem como corrigir defeitos, suprimir o inutil e incentivar a cultura.

Aludindo á instrução no governo passado e á reforma elaborada pelo dr. Francisco Campos, o dr. Noraldino Lima enalteceu a figura do diretor da Imprensa Official, dr. Mario Casasanta. Historiou as transformações que, desde a revolução de outubro, caracterizaram a vida nacional, com as bruscas mudanças efetuadas, as surpresas que prenderam a atenção do povo. Por isso, o espirito das massas ficou empolgado pela politica revolucionaria. Aproveitando-se do assunto, o dr. Noraldino Lima mostrou, com atos praticados por s. excia., como evitava, quanto possível, a influencia da politica nos negocios de sua Secretaria. Citou os recentes concursos das estagiarias e para o provimento de cadeiras na Capital.

Só agindo desse modo é que faz que o ensino se torne uma verdade concreta e tangivel, realiza da sob bélos auspícios.

A Escola de Aperfeiçoamento mereceu carinhosas referencias do dr. Noraldino Lima.

Tambem o Curso Especial para as Religiosas, disse o seu criador, que a presença das irmãs nas escolas tem a facultade de fazer desaparecer certos preconceitos existentes.

Em seguida, o Secretario da Educação e Saude Publica narrou passagens de sua recente excursão ao Norte de Minas e fixou aspectos da vida escolar naquella vasta região.

O dr. Noraldino Lima, depois de estender-se em considerações

diversas, finalizou, sob calorosa salva de palmas, sua brilhante palestra.

O INICIO DAS PALESTRAS PEDAGOGICAS

A's 19,30 horas, tambem no gabinete do sr. Secretario da Educação e Saude Publica, iniciaram-se, sob a presidencia e direção do professor Guerino Casasanta, inspetor geral da Instrução, os trabalhos a que foram convocados todos os assistentes técnicos do Estado.

Presentes o sr. Claudionor Lopes, o professor Oscar Guimarães, do Corpo Técnico, e os assistentes técnicos do ensino, o professor Guerino Casasanta produziu, então, a seguinte palestra:

"Iniciando, hoje, a serie de palestras dedicadas exclusivamente aos assistentes técnicos do ensino, cumpre-me manifestar a minha grande satisfação pela feliz idéa do sr. Secretario da Educação e Saude Publica, reunindo-os, por alguns dias, para um convivio de amizade e de simpatia.

Foi este, desde o inicio de minha investidura no cargo de inspetor geral da Instrução, o meu grande ideal que, agora, vejo concretizado. Nunca me foi possível compreender o exercicio do cargo, sem a certeza de vossa solidariedade e de vosso esforço, certo, como estou, de que os assistentes não são mais do que prolongamentos da Inspeção, a agir em todo o Estado e em todos os estabelecimentos do ensino.

Sem um entendimento e sem uma união de vistas, nem vós trabalhareis a contento, nem a Inspeção Geral da Instrução cumprirá jamais os seus alios deveres e suas pesadas responsabilidades.

Vindo de nossa realidade, da realidade de nossas escolas, disseminadas por todo o Estado de Minas, a mim me cumpre mais ouvir-vos o que, propriamente, falar-vos. As preciosas experiências que trazeis é que devem ser de fato o objeto de vossas conversas e de vossos debates.

Vivendo a vida das escolas, dentro de seu próprio meio, com todas as vantagens e lacunas das diferentes zonas do Estado, podereis nestes dias de convivência, dizer-nos muitas coisas úteis ao andamento do ensino.

Entretanto, não posso deixar de dizer que, no desenvolvimento do programa educacional mineiro, a administração muito espera do vosso esforço e da vossa dedicação.

A GRANDE OBRA

Ao assistente técnico do ensino cabe, em primeiro lugar, um trabalho incessante de levantar os espíritos e mobilizá-los em torno da educação do povo. A sua entrada na escola deverá ser assinalada como um raio de luz, portador de entusiasmo e de vida. Será o assistente menos fiscal, do que orientador e amigo. Os seus olhos se deterão nas atividades boas da escola, nas qualidades boas dos professores, para esti-

mular e para engrandecer. Os senões e as lacunas não essenciais cairão no eterno esquecimento para que, enobrecidos perante si mesmos, possam os professores empregar novos e redobrados esforços, para conseguir novas e brilhantes vitórias.

Uma palavra amarga ou, apenas, fria e indiferente, pode magoar os corações e arrefecer o entusiasmo.

Já disse um autor que "há grandes homens que nos tornam pequenos; os verdadeiros grandes homens nos tornam grandes."

Nunca deverá o assistente, por mais humilde que seja a escola visitada, deixar nela a impressão de superioridade que esmagava, mas, sim, e certamente, uma recordação suave, que eleva e nobilita.

A grande obra que nos incumbem é transformar os homens. Mas a transformação não se pode fazer como se faz, por exemplo, com as pedras auríferas: trituradas e reduzidas a pó, produzem ouro. A nós, professores, cabe uma outra missão: aproveitar as energias, mobilizar capacidades, orientando-as e dirigindo-as para melhor produzirem.

Aproveitar a boa vontade para construir e edificar, e não destruir, para criar.

A EDUCAÇÃO MORAL

O problema da *a b c*, certo, é um grande problema. As vozes assustadas se levantam para realizar, quanto antes, a alfabetização do povo. Outras vozes, entre-

tanto, já se ergueram num grito angustiante: é preciso educar o povo, para engrandecer o Brasil.

E' essa, srs. assistentes, a tarefa das tarefas; é esse o problema dos problemas. O caráter, sem mesmo saber ler, é o que queremos.

O Presidente Roosevelt (1.º) disse:

Para a nação e para o indivíduo a única coisa indispensável é o caráter; caráter ativo na virtude e firme em não transigir com o vício.

O caráter — diz Compayré — é a manifestação da vontade.

De que nos vale um alfabetizado sem caráter?

A preocupação máxima dos tempos que correm é organizar o homem de tal maneira que a sua personalidade seja, não só capaz de vencer, como ainda digna da humanidade.

O a, b, c, puro e simples, não fará, pelo menos de um modo geral, a felicidade do indivíduo.

Cumprir que a escola forme caracteres, enriquecendo a humanidade de homens serios, honestos, sobrios, corajosos. A fortaleza só poderá provir das virtudes, e o homem forte — diz Smiles — é a água que corre: faz o seu próprio caminho.

"Mandai educar o vosso filho por um escravo — dizia um grego da antiguidade — e vez de um escravo tereis dois."

O assistente técnico tem, pois, uma esplêndida tarefa a realizar.

A sua presença na escola, quer seja no sertão quer na cidade, de-

ve ser uma suscitadora de entusiasmo e um motivo de júbilo.

Além dos trabalhos puramente burocráticos da fiscalização, deverá exercer uma influência superior de pesquisa e de análise, sondando as falhas e lacunas para, imediatamente, dar-lhes o remédio adequado. Na ministração desse remédio é necessário que a sua ação não produza os efeitos de um cauterio, que queima, mas a carícia amiga de um bálsamo avulzado, que encanta e seduz.

Dificuldades a vencer

No desenvolvimento de seu plano de trabalho, o nosso assistente técnico encontra milhares de obstáculos e embaraços. Na escola rural, a sua ação é quasi nula, como até aqui tem sido a da totalidade dos assistentes técnicos. A professora supre, em regra, não possui aptidões nem cultura para a sua tarefa. Desconhecendo os mais elementares preceitos pedagógicos, que poderá fazer uma creatura? Que influencia poderá ter o assistente técnico sobre um professor que não entende a sua linguagem e não participa de seu ideal?

E' um problema insolúvel no momento esse — de que, em verdade — depende a nossa grandeza.

Na minha opinião, o assistente terá de incutir nesses professores o amor pela leitura, o amor pelos livros e, nesse caso, a sua função será mais de evangelização e de humanidade.

Dadas as condições especiais dessas escolas — distantes, sem

material, sem professores cultos — reputo quasi perdido o grande sacrificio dos assistentes técnicos.

Avalio bem a inutilidade do esforço dispendido, por experiencia propria. De todas as escolas rurais que visitei, como assistente técnico, — creio que nenhuma delas estava em condições de melhorar e progredir. Nos grupos escolares, sim, o assistente pode realizar muito. Ponto de irradiação — muitas vezes o unico estabelecimento de ensino de uma localidade — o grupo escolar se destina a exercer magnifica influencia nas populações a que serve.

Ai o assistente terá campo proprio ao trabalho, pregando, divulgando, alastrando as novas ideas. Em suas visitas aos grupos escolares, o assistente promoverá reuniões e palestras, por forma a compreender bem os anseios do professorado, recolhendo as suas experiencias e debatendo pontos palpitantes do ensino, como sejam: a organização das classes, a organização das bibliotecas; a vitalidade de todas as associações escolares, etc. Por meio delas é que a escola exerce a sua grande missão de educar os homens.

A passagem pelos grupos escolares deve ser assinalada por um grande movimento de curiosidade em torno dos problemas da escola, de modo que, mesmo ausente depois, fique ali e ali permaneça o assistente como uma recordação amiga e confortadora.

Não raro a administração do ensino recebe gratas noticias de

ação dos assistentes, de sua correção, de seu amor ao dever, de sua delicadeza, etc. Esse fato constitui motivo de justo orgulho para os responsaveis pelo ensino.

Da ótima assistencia técnica depende toda a obra educacional.

A leitura

Em suas horas de folga, que são poucas, deverá o assistente ler algumas paginas confortadoras, com o fim de renovar a sua cultura e melhor apresentar-se para o desempenho de sua missão. Mas, acima de tudo, terá êle por fim constituir um derivativo, que amenize a solidão das sociedades estranhas, e uma armadura que imunize contra o desonimo e a desesperança. Ao mesmo tempo, terá o assistente, em suas visitas, a preocupação das bibliotecas, fundando-as onde não existirem, incrementando-as onde já as houver, informando-se sempre sobre o seu uso, sua organização, sobre o numero de livros.

A administração estará sempre pronta a incentivar as iniciativas e a colaborar com os assistentes nos seus trabalhos, removendo dificuldades que neutralizam os esforços e infundem desanimo.

Nestes dias de convívio e de entendimento, queremos ouvir a vossa experiencia, quanto à execução da reforma, quer no ensino normal, quer no ensino primario. Precisamos iniciar, imediatamente, um trabalho sério para reavivar o entusiasmo em nossos estabelecimentos de ensino, que varios fatores arrefe-

ram. Se é verdade que as condições economicas atuais são diferentes, não pode ser diferente o nosso ideal, que se inspira em motivos superiores do espirito.

A reunião dos assistentes técnicos nesta Capital significa o ardente desejo, que tem a administração, de auscultar suas dificuldades e resolvê-las. E, ao mesmo tempo, revela a consciencia do governo para com os seus diretores, colaboradores e auxiliares.

Convem, pois, que venham a debater todas as duvidas, que venham a discussão todas as dificuldades.

Eis, em rapidas palavras, o que me aprouve dizer-vos neste primeiro contacto. Que esta reunião seja um pacto definitivo e duradouro em prol do ensino. Um por todos e todos por um, para a grandeza de Minas Gerais".

No decurso da palestra, os assistentes técnicos apresentaram varias sugestões, discutindo importantes temas de interesse para o ensino. A proposito da alfabetização, surgiram varios comentarios em torno da imposição do "a b c" ás massas populares. O problema brasileiro — concluíram — não reside na simples alfabetização do povo.

A assistencia ás escolas rurais foi outro ponto em que os senhores assistentes puseram reparos e

sugestões. Aventou-se, então, que a melhor assistencia ás escolas rurais estaria na frequencia das respectivas professoras aos trabalhos do grupo local, quando este recebesse a visita do assistente técnico. Falaram, nessa occasião, propondo medidas, os professores José Raymundo Netto e Benedicta Mello.

No tocante ao dia de leitura, tema proposto pelo professor Guerino Casasanta, discutiram largamente os varios meios e processos da organização e da eficiencia dessa atividade, tendo o professor João Baptista Santiago prometido dizer, na proxima reunião como entende devem ser organizadas as bibliotecas escolares.

O professor Guerino Casasanta terminou sob aplausos a sua interessante palestra.

— Para hoje, estão marcadas reuniões nos grupos escolares, que receberão a visita dos assistentes técnicos do interior, por ocasião da Hora de Leitura, e, ás 13 horas, no Instituto São Rafael, onde discutirão o tema "Bibliotecas Escolares. Como organizá-las", desenvolvido pelo professor Guerino Casasanta.

Às vinte horas, palestra pelo professor Firmino Costa, diretor da Escola Normal Modelo.

— O dr. Mario Casasanta falará amanhã, ás 20 horas, no Instituto São Rafael, sobre "Os objetivos da Assistencia Técnica".